

# A SIGNIFICAÇÃO PARADOXAL: OPOSIÇÃO OU PROLONGAMENTO DA SIGNIFICAÇÃO DOXAL? A HIPÓTESE DO CUBO ARGUMENTATIVO

**Julio Cesar Machado**

Universidade do Estado de Minas Gerais

**Resumo:** *Este artigo foca os problemas levantados por Marion Carel para o tratamento do paradoxo no interior da Semântica Argumentativa. Segundo a linguista, não se pode mais pensar significações paradoxais enquanto oposições das doxais. Atualmente, Carel realiza análises que evidenciam que doxal e paradoxal são prolongamentos, e não oposições. E esta averiguação, segundo a autora, deve remodelar tanto arcabouço teórico de sua teoria quanto fazer (re)pensar outros modus operandis para o paradoxo, trabalhos ainda por se realizar. É no interior desta problemática, que parece exigir da teoria ducrotiana novas abordagens e configurações, que proporemos a hipótese do “cubo argumentativo” para o tratamento da nova relação doxo-paradoxo em prolongamento. E para testar nossa hipótese do cubo argumentativo, teremos como corpus a expressão “morto-vivo”, tomada fora de qualquer uso.*

**Abstract:** *This article focuses on the problems raised by Marion Carel in the treatment of the paradox in the Argumentative Semantics. According to the linguist, we can no longer think of paradoxical significations as oppositions of doxals one. Nowadays, Carel performs analyzes that show doxal and paradoxical are prolongations, not oppositions. And this inquiry, according to the author, must reshape both theoretical repertoire of his theory as to make (re) think other modus operandis for the paradox, work still to be done. It is within this problematic, which seems to require of the ducrotian theory new approaches and configurations, that we propose the hypothesis of the "argumentative cube" for the treatment of the new doxo-paradoxo relation in prolongation. And to test our hypothesis of the*

*argumentative cube, we will have as corpus the expression “undead”, taken out of any use.*

## 1. Introdução

As dimensões doxal e paradoxal para o tratamento da significação são caminhos clássicos nos trabalhos em Semântica linguística. O paradoxo, inicialmente considerado um fenômeno para conferir a inadequação de uma teoria, e sempre deixado de lado, agora tem lugar de privilégio em alguns trabalhos de Semântica, neste século passado. E notadamente na Semântica Argumentativa.

Este artigo pretende investigar estas duas dimensões a partir de indagações próprias da Semântica Argumentativa, trabalhadas sobretudo por Oswald Ducrot e Marion Carel, conforme os modos de raciocínio do grupo de estudo destes linguistas em Paris, na França, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), com ênfase na última década (o que pode parecer um pouco diferente dos modos com que Ducrot é trabalhado ou lido em alguns espaços acadêmicos brasileiros). Para tal, faremos uma rápida exposição do que se entende por doxal e paradoxal conforme os modos de raciocínio da Semântica Argumentativa, diferença bem marcada em publicações da década de 90 destes autores, e focaremos de imediato as críticas carelianas à sua própria teoria. O objetivo geral deste artigo é debater a exposição de um outro artigo em que Carel critica sua própria teoria no tocante ao exposto acima, da inadequação do tratamento doxo e paradoxo em sempre-oposição.

Grosso modo, para contextualizar a discussão teórica deste artigo, resumimos a grande hipótese da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), momento atual e radical da Semântica Argumentativa ducrotiana:

Todo enunciado é parafraseável por encadeamentos normativos (encadeamentos de duas proposições ligadas por uma conjunção do tipo *portanto*) ou transgressivo (encadeamentos de duas proposições ligadas por uma conjunção do tipo *no entanto*) (CAREL, 2014a, p. 1, tradução nossa).

Na prática, ao investigar a significação<sup>1</sup> de uma palavra, por exemplo “prudente”, Carel explica que tal palavra *exprime* o aspecto

[PERIGO PORTANTO PRECAUÇÃO], e que esse aspecto *evoca* um encadeamento que o *concretiza*, que poderia ser: “Pedro foi prudente”. Como bem explica a linguista<sup>2</sup>:

O sentido de *Pedro foi prudente* é duplo. De uma parte, o enunciado *exprime o aspecto* argumentativo PERIGO PORTANTO PRECAUÇÃO, e de outra parte ele *evoca o encadeamento* ‘era perigoso portanto Pedro tomou precauções’ [...] O encadeamento evocado faz do enunciado uma formulação concreta do aspecto exprimido. [...] O aspecto exprimido constituirá agora o ‘propósito’ do enunciado naquilo somente que ele dividiu, e o encadeamento evocado fará o papel do uso de objetos que ele representará naquilo que o enunciado estudado tem de próprio (CAREL, 2011a, p. 220-221, tradução nossa).

Em consonância com Ducrot, quando afirma que o enunciado tem por função ilustrar um retrato da enunciação (DUCROT, 1987, p. 42), Carel está dizendo que uma frase/enunciado tem por função semântica ilustrar aspectos, concretizando-os (CAREL, 2011a, p. 161). Assim, a TBS marca o movimento semântico do enunciado à frase, ou tecnicamente, a noção de aspecto marca um movimento do sentido (particular, do enunciado) à significação (universal, da frase). Para Carel, o aspecto possui uma característica universal que o determina, uma propriedade universal, assim explicada:

São esses dois valores que refletirão o caráter por sua vez comum e singular de *Pedro foi prudente*, que refletirão o fato que este enunciado por sua vez divide com *João será prudente* um Universal e assim se distingue dele por algumas singularidades. O aspecto (PERIGO PORTANTO PRECAUÇÃO) constituirá aquilo que eles dividem (CAREL, 2011a, p. 160, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Para fins de notação teórica, os dois conectores (CONN) bases da Teoria dos Blocos Semânticos são abreviáveis por:

DC (*donc* do francês) – que quer dizer *PORTANTO*; e

PT (*pourtant* do francês) – que quer dizer *NO ENTANTO*.

Deste modo, para operar as análises manteremos as abreviações DC para movimentos normativos em *portanto*, e PT para movimentos transgressivos em *no entanto*. Outras notações necessárias são a negação (NEG) e o bloco semântico (BS), que veremos pormenorizadamente.

Ainda é relevante frisar que ambos DC e PT são conectores metalinguísticos, noções teóricas, isto é, não se equivalem a procedimentos gramaticais, são conectores técnicos cuja função é operar semanticamente a norma e a transgressão na língua e na enunciação, no sentido que se lhes dá a TBS. E como noção técnica, tanto DC como PT podem facilmente serem substituídos por qualquer conector que carregue o mesmo semantismo equivalente, como “então, porque, logo, assim, apesar de, porém, contudo etc”, que no momento de análise, tornar-se-ão paráfrases de DC ou PT.

## 2. Doxal/Paradoxal em oposição: primeira elaboração

Começemos por apresentar o que é o paradoxo de oposição, para Carel e Ducrot. Trata-se, aqui, de uma noção técnica. Em uma primeira elaboração, os linguistas notam que existe, para cada grupo de significação doxal (que nomeia bloco doxal, ou B1) um grupo de significação paradoxal (que nomeia bloco paradoxal, ou B2)<sup>4</sup>. Podemos dispor os dois blocos ladeados:

B1: Pedro está diante do perigo, *portanto* desistirá  
(PERIGO DC DESISTIR)  
Pedro está diante do perigo, *no entanto*, não desistirá  
(PERIGO PT NEG-DESISTIR).

B2: Pedro está diante do perigo, *portanto* não desistirá  
(PERIGO DC NEG-DESISTIR).  
Pedro está diante do perigo, *no entanto* desistirá  
(PERIGO PT DESISTIR).

Reflitamos na estranheza desses dois blocos: numa apreciação mais filosófica ou social – que prefacia a apreciação linguística – observa-se que é mais “óbvio”, mais aceito socialmente, que diante do

perigo alguém o evite (B1): evitam-se assaltos, ruas perigosas, viagens com altos índices de ocorrências policiais, compras em sites suspeitos, etc. Mas não podemos obrigar uma lucidez unilateral universal, e devemos reconhecer que, da mesma maneira, mesmo que menos óbvio ou menos aceito socialmente, há quem goste, aprecie, busque, enfrente, propague e habite com o perigo de toda ordem (B2), como os masoquistas, andarilhos, loucos, revoltados, depressivos etc. Além de uma gama de pensadores que irão afirmar a contra-doxa ao dizer que viver já é estar em perigo, por si só, porque a segurança é imaginária, e o acaso não é previsível.

Focando essas ideias num prisma mais linguístico, mas nem por isso dispensando a reflexão filosófica e social que integra os sentidos, Carel e Ducrot (2008, p. 11) propuseram tratar desta relação de sentidos “mais óbvios/menos óbvios” respectivamente como *bloco doxal* e *bloco paradoxal*. Assim, nomearam o primeiro bloco (B1: PERIGO DC DESISTIR) de doxal, e o segundo bloco (B2: PERIGO DC NEG-DESISTIR) de paradoxal. A particularidade desta primeira elaboração está no fato de que cada aspecto de B2 é o contrário de cada aspecto de B1.

Poderemos localizar bem a definição de paradoxo em Carel: *neste primeiro formato, linguisticamente falando, trata-se de contradizer um bloco anterior*. Assim, na primeira elaboração, se há um bloco paradoxal, é porque existe um bloco doxal antes, em oposição. Vejamos o esquema desta primeira relação de oposição entre doxal/paradoxal (CAREL e DUCROT, 2008, p. 11):

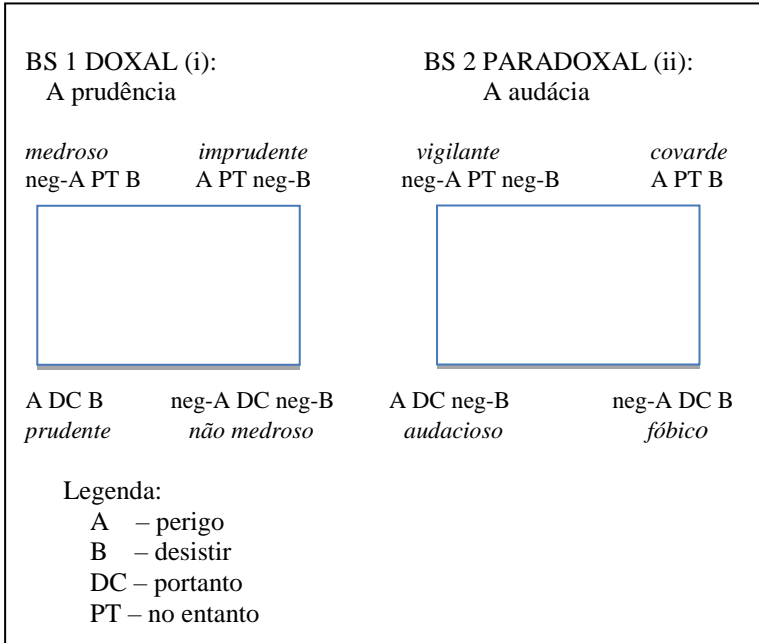


Imagem 1: Esquema da primeira elaboração doxal/paradoxal em oposição: o bloco semântico de [perigo CONN desistir] conforme Carel e Ducrot (2008, p. 11)

Nesta primeira elaboração de oposição entre doxal/paradoxal, percebe-se que, na relação bloco/bloco (doxal/paradoxal), Carel e Ducrot mostraram que, para cada bloco doxal (B1), existe um bloco paradoxal (B2). A particularidade desta primeira elaboração está no fato de que cada aspecto de B2 é o contrário de cada aspecto de B1. *O paradoxo seria um contra-bloco segundo só visível pelo bloco doxal primeiro.*

| Formato 1      | Formato 2      |
|----------------|----------------|
| A DC B         | A DC NEG-B     |
| NEG-A DC NEG-B | NEG-A DC B     |
| A PT NEG-B     | A PT B         |
| NEG-A PT B     | NEG-A PT NEG-B |

Quadro 1: combinações de suporte/aporte nos modos doxal e paradoxal

Este quadro apresenta os dois formatos básicos para se elaborar um quadrado argumentativo. E no que tange à discussão da relação doxal/paradoxal, geralmente, os aspectos doxais valem-se dos formatos da coluna 1, e geralmente os aspectos paradoxais valem-se dos formatos da coluna 2.

Contudo, é comum que certos blocos doxais apresentem as fórmulas dos aspectos da segunda coluna, como o bloco de nosso corpus, que será a expressão “morto-vivo”. Proporemos investigar este corpus pelo bloco (inicial) de: “morto CONN vivo”<sup>5</sup>.

Se isto ocorrer, é o caso de uma simples “troca de coluna”: tecnicamente, se certos blocos assumem doxalmente um dos formatos acima, assumirá paradoxalmente o outro formato. E vice-versa. As fórmulas de aspectos são imutáveis, mas as colunas acima são mutáveis. Por exemplo, abaixo, vamos propor o formato doxal e paradoxal de nosso bloco estudado, “morto CONN vivo”, no formato desta primeira elaboração. Nota-se que os aspectos deste bloco abaixo (doxal no formato 2; e paradoxal no formato 1) são os inversos do bloco de “prudente” (doxal no formato 1; e paradoxal no formato 2):

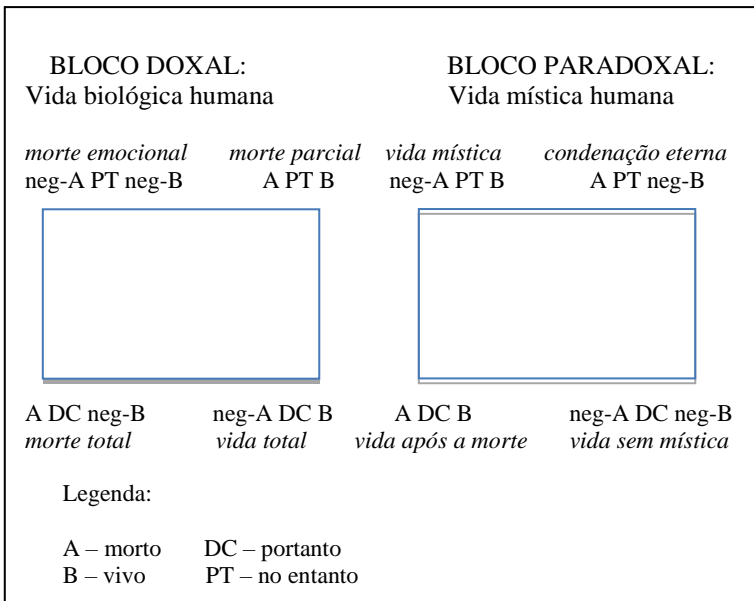


Imagem 2: Bloco semântico de [morto CONN vivo]

Pensar a relação entre morte e vida, tal como fizemos, doxalmente (se está morto, portanto não se está vivo), é ilustrar significações de um bloco biológico, medicinal, conforme os vários exemplos e análises que veremos. Porém, ao se pensar a relação entre morte e vida, agora de modo paradoxal (se está morto, por isso mesmo se está vivo), descobrem-se tipos de significações não-biológicas, de outra natureza, que aqui nomearemos místicas, como a bíblica tradicional: “Aquele que crê em mim, ainda que morra viverá”, que tecnicamente ilustra: [MORTO DC VIVO]. Assim, qualquer credo que se atenta para o transcendental (de qualquer linha: monoteísta, politeísta, panteísta, ateuísta etc) valer-se-á destes aspectos paradoxais, nomeando-os conforme seus tesouros místicos e escatológicos de toda ordem, quais sejam: Valhala, Paraíso, Hades, Inferno, Nirvana etc. A este contra-bloco paradoxal chamaremos bloco da “vida mística”, que nesta primeira elaboração é pensado em oposição ao bloco da “vida biológica”.

Basicamente, esta era a principal leitura da primeira elaboração, desde a década de 90. De qualquer modo, o paradoxo careleano integra os estudos polifônicos, já que para ter existência própria precisa co-existir com a sombra de sua voz doxal. Ora, se – na primeira elaboração – o paradoxo para Carel é *oposição*, um semanticista atento vai notar que a oposição só existe se ela manifesta seus contrários. Se se opõe, opõe-se a “alguma coisa”, o que reclama a sempre-presença dessa “alguma coisa”, marcada ou não marcada. Aqui, todo paradoxal pressupõe seu doxal.

Em suma, na primeira elaboração, o paradoxo é uma noção relacional entre blocos (“B1 *versus* B2”), não uma relação dentro do mesmo bloco (B1: “portanto *versus* no entanto”, dentre outras). Trata-se, então, apenas de um sentido relacional, isto é, o paradoxal só existe em co-relação de oposição com o doxal. Localiza-se um bloco paradoxal, para Carel e Ducrot, se se localiza um bloco doxal.

Evidentemente que os trabalhos em Semântica Argumentativa que se valem da disposição doxal/paradoxal se inscrevem na instância básica da TBS da dupla dimensão estrutural/contextual, como qualquer outro trabalho que se vale de qualquer das noções da TBS. Nesta linha, podem ocorrer, naturalmente, blocos doxais tanto estruturais (ou lexicalizados) como contextuais, e da mesma forma



blocos paradoxais tanto estruturais (ou lexicalizados) como contextuais. Como explica a autora:

Um aspecto pode ser **lexicalizado sem ser doxal** (por exemplo, [SOFRER DC CONTENTE], significado por *masoquista*). Um aspecto pode ser **doxal sem ser lexicalizado**, como [PRUDENTE DC SEGURANÇA]. Um aspecto pode ser, ao mesmo tempo, **doxal e lexicalizado**, como [UTIL PT NEG-GASTAR], significado por *econômico*. E um aspecto pode ser **nem doxal, nem lexicalizado**, como [COMER FEIJÕES DC ESTAR CONTENTE] (CAREL, 2014a, p. 14, tradução nossa).

### 3. Doxal/Paradoxal em prolongamento: segunda elaboração

Em um segundo momento, Carel irá escrever um texto que atingirá com força impactante a sua própria concepção (e, inclusive, a elaboração) do quadrado argumentivo. Nesta re-elaboração, Carel (2013, p. 1 – 15) proporá duas teses inéditas, que são:

A) Há relações graduais entre aspectos que não pertencem aos ângulos transpostos (pois a relação de gradualidade era própria dos transpostos);

B) Essa nova relação de gradualidade (antes apenas dos transpostos) se dá curiosamente entre um aspecto doxal e um paradoxal.

Ora, como pode haver gradualidade entre dois termos contrários (um doxal, outro paradoxal)? Este pensamento levou Carel a dizer que doxal e paradoxal não são mais dois blocos em oposição. É um só bloco. *Nesta segunda elaboração, o paradoxal é um prolongamento do doxal.*

A re-elaboração da relação doxal/paradoxal em prolongamento é resumidamente a seguinte: o que antes se entendia por [4 aspectos] *versus* [4 aspectos] agora é pensada como [8 aspectos]. Não se trata mais, portanto, de dois blocos distintos em espelho, mas de um mesmo e único bloco. A tese de Carel consistirá na aceção de que *é possível averiguar que os dois conjuntos de quatro aspectos compartilham certo parentesco que os filiariam a um mesmo bloco semântico*. Ora, a

simples manutenção dos mesmos suporte e aporte, nos dois blocos (na leitura anterior a esta, de oposição), já compartilharia uma linha de parentesco entre os dois grupos de quatro aspectos, já que doxal e paradoxal “[...] compartilham igualmente alguma coisa: seus próprios conteúdos são aparentados” (CAREL, 2013, p. 1, tradução nossa). Carel pôde perceber que há “alguma coisa” compartilhada pelos oito aspectos (não mais 4 doxais versus 4 paradoxais), sem explorar bem os liames desse “alguma coisa”, como ela bem assume. Passemos às explicações dessas observações pelas reflexões de Carel.

Inicialmente, tomemos por base o recorte reproduzido abaixo, que trata da adaptação de André Maurois do poema “If”, de Kipling, utilizado por Carel para concluir positivamente suas duas teses supracitadas:

*Se você pode ser **duro** sem jamais ficar com **raiva**,  
Se você pode ser **bravo** e jamais **imprudente**,  
Se você sabe ser **bom**, se você sabe ser **sábio**,  
Sem ser **moral** nem **pedante***  
(CAREL, 2013, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

Esta disposição foi negritada por nós desta maneira justamente para ilustrar o procedimento utilizado por Carel para analisar tal trecho de modo pareado: “duro/com raiva”; “bravo/imprudente”; “bom, sábio/moral, pedante”. No excerto acima, Carel vai pontuar que as palavras em negrito são respectivamente doxais (as primeiras) e paradoxais (as segundas). Mas não em oposição, e sim em prolongamento. Ali, a linguista quer chamar atenção para o fato de que não há uma relação de oposição entre cada par, nem transposição (antiga elaboração); mas há ali uma relação de parentesco e gradualidade entre os pares (uma nova elaboração).

Dos quatro versos, veremos o primeiro, suficiente para esboçar nossos propósitos aqui, de doxal/paradoxal em prolongamento. Começemos por elaborar o bloco semântico para realizar a análise desta estrofe. Um bloco que possa ilustrar esta estrofe. Conforme as análises de Carel neste ponto, este bloco ilustraria aspectos do *comportamento humano no que tange a situações desagradáveis e sofríveis*: qual seria a postura de alguém diante de incômodos? Esta pergunta expressa um *bloco doxal de atitudes mais pacíficas e serenas*

diante de sofrimentos, e um bloco paradoxal de atitudes mais tempestuosas e bravias diante de sofrimentos:

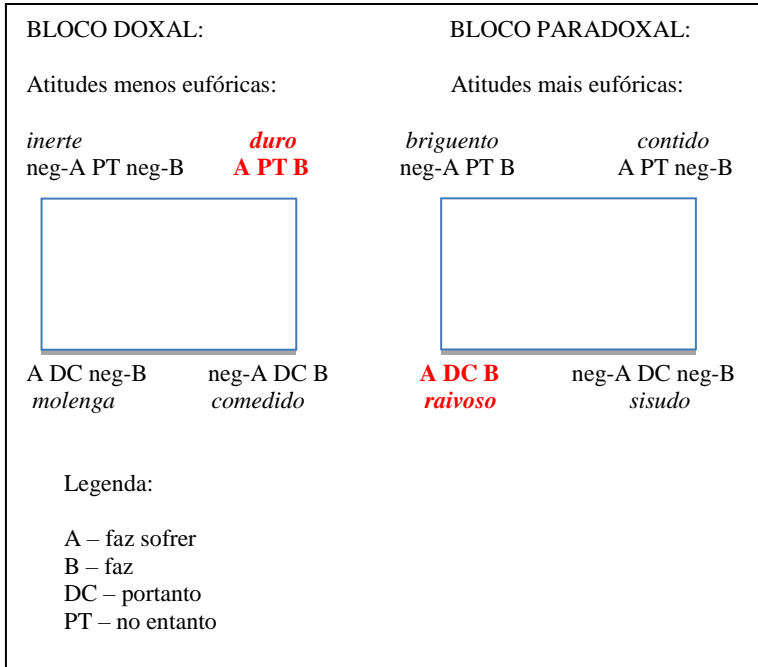


Imagem 3: o problema detectado no esquema de doxal/paradoxal em oposição: o prolongamento possível entre doxo e paradoxo do bloco [faz sofrer CONN faz] conforme Carel (2013, p. 3).

Atentemo-nos para o primeiro par do verso acima, “duro/com raiva”. Na enunciação específica deste par, Carel explica que *duro* é algo necessário e deve ser praticado se colocado na relação de comparação com *raivoso*, que é um excesso de *duro* e deve ser evitado (caso este par seja considerado por um viés doxal, universalmente posto, aceitável). E é a relação mesma entre os dois termos que torna exprimível seus aspectos: “O emprego de *duro* tem como sentido o aspecto transgressivo [A FAZ SOFRER PT X FAZ A], inscrito na própria significação do adjetivo *duro*, e esse aspecto

substitui o aspecto [A FAZ SOFRER DC X FAZ A] significado por *raivoso*” (CAREL, 2013, p. 8, tradução nossa).

Carel vai atentar-se para dois fatos da particularidade da relação entre estes dois aspectos, *duro* = [A FAZ SOFRER PT X FAZ A] e *raivoso* = [A FAZ SOFRER DC X FAZ A]: trata-se da já conhecida disposição de blocos em oposição doxal/paradoxal, como se vê acima, e também se trata de uma relação nova, de gradualidade, que era só própria dos transpostos.

Para confirmar isso, propõe a aplicação de *até mesmo*, próprio para averiguação de gradualidade dos transpostos, assim: “ele era duro, e *até mesmo* raivoso”.

A grande novidade é que a relação de gradualidade até então só se via em aspectos doxais (aspectos transpostos do quadrado doxal), jamais entre um doxal e um paradoxal, tidos como opostos. Temos aqui um nó teórico: a gradualidade era classicamente do âmbito do bloco doxal. Falar em gradualidade entre doxo e paradoxo não era teoricamente permitido. Mas o que se vê aqui é que, mesmo assim, o sentido afronta a disposição teórica, e há algo ali de gradual sem ser uma relação transposta (já que a relação transposta é vista entre os aspectos só doxais, ou só paradoxais, e aqui teríamos uma relação entre um doxal e um paradoxal). Eis a conclusão de Carel:

há entre *duro* e *raivoso* uma relação gradual (*ele era duro, e até mesmo raivoso*), sem que esses termos expressem aspectos transpostos [...] Ora, aí está o coração de nosso problema, os dois aspectos [A FAZ SOFRER PT X FAZ A] e [A FAZ SOFRER DC X FAZ A] significados por *duro* e *raivoso* não são transpostos. Como, então, dar conta do que Maurois adverte como sendo um excesso? (CAREL, 2013, p. 6 e 9, tradução nossa).

Assim, deste primeiro verso do trecho, Carel reterá a fórmula: “*se você pode ser X sem jamais ser Y*” (CAREL, 2013, p. 10, tradução nossa) como própria de uma relação gradual entre aspectos doxais-paradoxais. Eis o cerne da segunda elaboração do paradoxo: doxo e paradoxo não podem ser apenas significações em oposição (1ª elaboração), podem ser também significações em prolongamento (2ª elaboração).

O mesmo se dará com os outros versos da estrofe, que não tomaremos todos aqui. Por exemplo, avançando para o segundo verso do poema, cuja unidade de análise é o segundo par, “bravo/imprudente”, vemos que é preciso por em relação o aspecto contextual de *imprudente* [PERIGO DC FAZ], com o aspecto de *bravo* [PERIGO PT FAZ] para explicitar/explicar o sentido do verso “*Se você pode ser bravo e jamais imprudente*”. Nesse sentido, Carel vai explicar que a fórmula “*se você pode ser X sem jamais ser Y*” do primeiro verso, é assimilada à fórmula “*se você pode ser X e jamais Y*” do segundo verso. E a relação discursiva proveniente da aplicação dessas fórmulas a *bravo* e *imprudente* é lida da seguinte forma por Carel: “Como o locutor de *se você pode ser duro sem jamais ficar com raiva*, o locutor de *se você pode ser bravo e jamais imprudente* preveniria contra um excesso, o de agir, não mais apesar do perigo, mas por gosto do perigo” (CAREL, 2013, p. 10-11, tradução nossa).

Diante do nó teórico do primeiro e segundo versos que explicitam um elo semântico entre doxal e paradoxal, Carel retém a dinâmica fugidia das relações entre aspectos, e atualiza suas noções teóricas de doxo/paradoxo assumindo essa estranha, mas possível, gradualidade significante: não temos dois blocos em oposição, mas um único bloco em prolongamento. Podemos observar a nova decisão formal – da relação de gradualidade entre doxo/paradoxo – pela seguinte conclusão:

O estudo da gradualidade subjacente aos dois primeiros versos do poema que escolhemos vai nos levar à questão do paradoxo e de seu elo semântico com a doxa. [...] Seu exame mostrará que um (*duro*) é doxal, enquanto o outro (*raivoso*), a saber, o mais forte, é paradoxal. Será o mesmo para os termos *bravo* e *imprudente*. **O paradoxo aparecerá, assim, não como um reflexo inverso da doxa, mas como um prolongamento dessa última, seu complemento no interior de um mesmo bloco semântico** (CAREL, 2013, p. 7-8, tradução nossa, grifos nossos).

É bom reter que, como consequência deste modo de entender doxa e paradoxo, uma outra descoberta é pontuada por Carel: além dos três

modos básicos e formais da construção textual (conversos, transpostos e recíprocos), acrescenta-se um novo: a gradualidade entre doxo e paradoxo, significação ou sentido oriundo da relação doxal/paradoxal pensada não enquanto oposição, mas enquanto prolongamento (CAREL, 2013, p. 1). Contudo, um problema fica por se resolver: com pensar agora, depois desta atualização, os oito aspectos existentes? Antigamente apresentados por 2 quadrados, doxal e paradoxal, com 4 aspectos cada, e agora carecendo de uma figura geométrica que mescle estes dois quadrados e configure 8 aspectos, em relação?

#### **4. O cubo argumentativo: atualização do quadrado argumentativo**

Assumida a nova relação significante/significável, é necessário pensar agora no que fazer com o modelo teórico do quadrado argumentativo, já que ele, no formato atual, não tem lugar para mais outros quatro aspectos. Onde colocar no quadrado argumentativo o paradoxo que agora é um prolongamento da doxa? Nosso intuito nesta seção é explorar a tese que temos defendido (MACHADO, 2015) sobre o *cubo argumentativo*, uma reconfiguração teórica do quadrado argumentativo para dar conta da atualização dos dois quadrados doxal/paradoxal em uma única figura geométrica semântica, conforme as novas percepções de Carel.

Como vimos, a própria autora põe em xeque-mate seu quadrado argumentativo, como era/é operado até então. Neste xeque-mate, Carel nos convida a participar da reflexão sobre a representação conjunta de oito aspectos (não mais 4 doxais e 4 paradoxais). Assumir uma nova relação atípica de sentido (como o elo entre doxa e paradoxo) acarreta teorizar essa estranheza. E teorizar não-linearidades semânticas requer um refinamento teórico a esta altura. Vamos pensar como então “desenhar” ou “localizar” tecnicamente em uma única figura a ideia de que

[...] um mesmo bloco semântico, contrariamente ao que eu dizia em meus primeiros artigos, realiza-se de modo paradoxal como de modo doxal, suas formas paradoxais tendo com suas formas doxais relações variadas, de oposição, às vezes, mas igualmente relações graduais. O paradoxo não é um sistema de crença alternativo, em espelho com aquele ao qual nos

habitamos; ele é, antes, um complemento, o desenvolvimento, o último prolongamento (CAREL, 2013, p. 3, tradução nossa).

Carel assume estes dois problemas: a insuficiência do modelo de bloco com apenas quatro aspectos (os doxais), e a falta de lugar para mais quatro aspectos (os doxais + os paradoxais): “[...] a simples paradoxalidade [...] me levava a dizer que o aspecto que ele mobiliza não apreendia o mesmo bloco [...]. Isso era, penso agora, um erro” (CAREL, 2013, p. 13, tradução nossa).

Diante disso, Carel vê-se diante de uma tarefa nada fácil, aquela de ter que resolver o problema teórico do único bloco com oito aspectos, que significa, ela assume, “remanejar o próprio conceito de bloco semântico” (CAREL, 2013, p. 15, tradução nossa). O trecho a seguir é basilar na atualidade da TBS. Nele, Carel coloca devidamente a necessidade de uma reconfiguração teórica capaz de tratar o paradoxo:

É preciso, portanto, **repensar uma decisão teórica** que me parecia evidente, aquela que impunha a cada bloco ser ou doxal, ou paradoxal, isto é, não conter nunca, ao mesmo tempo, um aspecto de um tipo e um aspecto do outro. Esse questionamento leva a **modificar o número que eu atribuía, até aqui, aos blocos semânticos, que podem, doravante, ser apreendidos, não por quatro, mas por oito aspectos**. Na sequência dessa remodelação, pelo menos dois problemas teóricos se colocam, que eu me contento em indicar aqui. De um lado, deve-se dizer que todos os blocos contêm ao mesmo tempo um aspecto A DC B e um aspecto A DC NEG B, e **deve-se, portanto, abandonar completamente a visão quadripartida dos blocos semânticos**, ou é preciso mantê-la parcialmente? De outro lado, **quais são as relações que estruturam os blocos em oito aspectos?** Será necessário ir além das três relações fundamentais (reciprocidade, conversão e transposição) (CAREL, 2013, p. 15, tradução nossa).

Estes enunciados de Carel exigem uma resposta teórica necessária para o semanticista que precisa explorar minúcias das significâncias no interior da TBS. De nossa parte, temos tentado elaborar uma configuração teórica enquanto resposta, mesmo que introdutória, a esta questão atual de Carel, que possa melhor relacionar (e não separar) doxa/paradoxo.

Volta-se ao problema antigo (DUCROT, 1999): precisa-se de uma elaboração que dê conta de por um grupo semântico em representação semântica única. Tecnicamente, agora não quatro, mas oito aspectos. No que nos tange, para a representação teórica que se seguirá aqui, responderemos afirmativamente à indagação de Carel sobre abandonar a visão quadripartida dos blocos semânticos, o que enriqueceria a TBS. Se pretendemos assumir esta não-separação doxa/paradoxo averiguada por Carel, nos vemos agenciados fortemente a responder de alguma forma a esta concepção octavário-semântica. Nossa resposta é introdutória, por isso, carece ainda de aprofundamentos, testes, e estudos. Na falta de uma disposição melhor, sugeriremos, nesta nova linha de concepção doxa/paradoxo, o *cubo argumentativo*.

O cubo argumentativo pode não ser uma resposta permanente à necessidade da TBS diante da confissão de ineficiência dos dois quadrados argumentativos doxal e paradoxal de Carel. Mas parece ser, inicialmente, uma resposta razoável para dar conta de uma representação de oito aspectos construída com o único objetivo de nos permitir considerar minúcias relacionais entre doxa-paradoxo. Ei-lo:

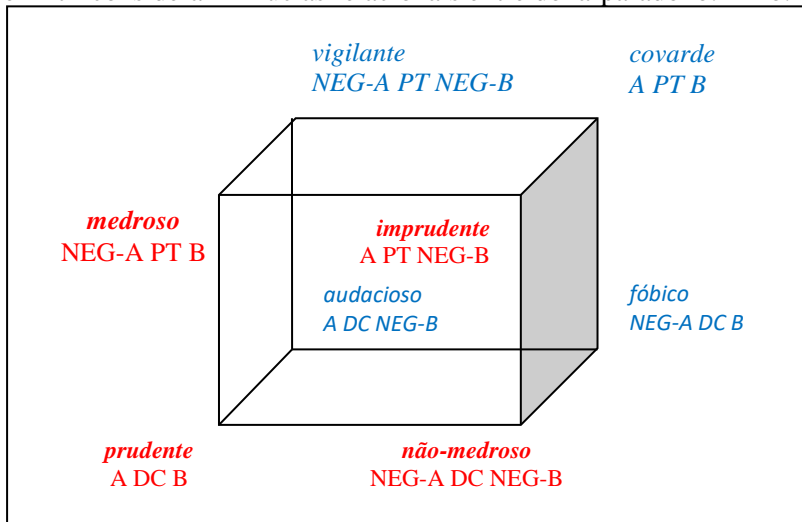




Imagem 4: Proposta de um único bloco de oito aspectos: esquema da segunda elaboração doxal-paradoxal para relações de prolongamento entre doxo e paradoxo<sup>6</sup>

Grosso modo, o cubo argumentativo abarcará tudo que o quadrado argumentativo já prevê (as muitas relações estruturais e discursivas embasadas nos movimentos converso, transposto e recíproco), próprias dos aspectos doxais, que colocaremos na face frontal do cubo, somando a elas mais quatro outros aspectos paradoxais, que colocaremos na face secundária do cubo. Da relação entre face frontal e final, localizar-se-á a neorrelação de gradualidade doxa-paradoxo.

Fazer semântica pelo trabalho teórico-ortogonal parece ser uma resposta razoável às indagações careleanas, sem ter que abandonar o quadrado argumentativo, e enriquecendo-o e adequando-o às novas necessidades, quando elas se fizerem presentes. O mérito da contribuição de uma geometria semântica<sup>7</sup> é potencializar o alcance das relações que flagram significações na língua e produzem sentidos pela enunciação. Observado pelo cubo, o enunciado pode ser posto em decomposição estratégico-semântica, e seus elementos podem conclamar seus relacionais (na esteira de Saussure, significação e sentido, para nós, é relação, e por isso, um A sempre conclamará um B, e esse, um C, e esse, um D... a tal ponto que a teoria deve ser um arranjo geométrico que desenha retas ou figuras ao mobilizar vértices semânticos que explicita o fenômeno significante/significável da/na língua).

Numa primeira observação em potencial, vamos dizer que, ao repensar as significâncias através do cubo argumentativo, visualiza-se amplamente a disposição relacional semântica: em arestas (retas: conversos, transpostos, recíprocos e entre quinas); vértices (duas retas de encontro: um aspectos ligados a dois ou mais enunciados, por exemplo, para se estudar textos); em planos (faces: doxal, paradoxal, laterais esquerda e direita, e face inferior e superior); a isometria (outras figuras delineadas no cubo: por exemplo, o tratamento de questões textuais e pressuposicionais, que exigirão a análise do concatenamento de muitos enunciados ou parágrafos, como os novos estudos do *mas* (CAREL, 2011a, p. 383 - 453); e tudo mais que as projeções ortogonais nos permitir.

O cubo parece ser um lugar privilegiado para se observar arranjos combinatórios de aspectos infindos, expondo e sugerindo relações das mais variadas, e por isso explorando melhor os formatos que certa significância possa ilustrar. O que tão somente faremos é apenas mostrar uma parca movimentação relacional deste cubo com intuito de vislumbrar sua riqueza semântica, longe de se esgotar e de se mostrar totalmente, neste trabalho.

Carel propôs a gradação entre doxal/paradoxal (antigamente, exclusividade dos movimentos apenas transpostos) a partir da fórmula *se você pode ser X e jamais Y*, que expressaria esta gradação. Nós proporemos (MACHADO, 2015) a hipótese de uma nova fórmula: *se você pode ser X mesmo sendo Y*, que expressaria quase-blocos<sup>8</sup> e paradoxos semânticos entre aspectos da face frontal-doxal e final-paradoxal do cubo argumentativo. Por exemplo, retomemos a primeira elaboração doxal/paradoxal, na ocasião disposta de modo separado por dois quadrados, e acima atualizado por nós, num único cubo. Consideremos o cubo argumentativo de “perigo, desistir”. Deixando de lado as relações que isolam aspectos doxais dos paradoxais, a saber, aquelas apenas frontais-doxais: conversos, transpostos e recíprocos, bem como estas mesmas relações que poderiam se repetir na face final-paradoxal do cubo, vamos explorar agora as relações que façam interagir as faces doxais e paradoxais. Conforme Carel, ainda por se estudar.

### 5. A relação conversa entre faces frontal-doxal/final-paradoxal

Começemos por explorar os significados diagonais de gradualidade entre estas duas faces do cubo, a partir da fórmula sugerida por Carel: *se você pode ser X sem jamais ser Y* (onde, no cubo de “perigo CONN desistir”, o Y seria frasticamente mais forte que o X, desvelando a gradualidade). Teríamos então:

Se você pode ser **audacioso**, *sem jamais ser imprudente*.

Se você pode ser **prudente**, *sem jamais ser covarde*.

Se você pode ser **medroso**, *sem jamais ser fóbico*.

Se você pode ser **vigilante**, *sem jamais estar sem medo*.

Tecnicamente, conclui-se que o uso da fórmula *se você pode ser X sem jamais ser Y* funciona em três passos simples, como se viu acima:

- (i) levantam-se os quatro pares de conversos possíveis entre as faces doxal-paradoxal, em um certo cubo;
- (ii) se for necessário (como no caso do cubo de prudente), escolhem-se as palavras favoráveis, preferíveis (no senso comum) destes pares levantados, que ocuparão a função X;
- (iii) relaciona-se cada X com seu par converso neste cubo, que ocuparão a função de Y. Onde X será mais preferível que Y (caso haja palavras favoráveis e desfavoráveis).

Esta é a significação da nova gradação entre planos frontal e final (que Carel nomeia de “prolongamento”, como vimos). Duas ressalvas são importantes: (a) esta fórmula não funcionará em conversos de uma mesma face, só doxal ou só paradoxal, porque não produzirá a mesma significação de gradação, prolongamento (o prolongamento é entre faces doxal-paradoxal, em conversos. Na mesma face, só doxal ou só paradoxal, o converso apresenta significação de oposição, como já vimos); (b) também é bom que se diga que não há lugares perpetuados no cubo para aspectos favoráveis e não favoráveis. Isto dependerá dos semantismos de cada bloco, na sua relação com a universalidade significante.

Antes do cubo, no quadrado, o converso era uma linha diagonal no mesmo plano, na mesma face (ou doxal, ou paradoxal). Agora, como vimos acima, trata-se de uma linha diagonal entre os planos (que vai de um doxal para um paradoxal, e vice-versa). Em suma, a novidade é que as relações acima são sempre conversas entre faces doxal-paradoxal.

Queremos aqui acentuar um ponto. O duplo critério de categorizações semânticas – palavras favoráveis, ou preferíveis, e palavras desfavoráveis, ou não preferíveis –, é um procedimento analítico-semântico proposto por Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005, p. 58; 108), que na ocasião apenas apresentou alguns exemplos transpostos, como prudente (palavra favorável) e prudente demais (palavra desfavorável), dentre outros; e exemplos recíprocos, como a boa relação entre palavras favoráveis e desfavoráveis (por exemplo, “Ele não é inteligente, mas não exageremos, não é estúpido”) e má

relação entre palavras favoráveis (por exemplo, “(?) Ele não é medroso, mas não exageremos, é prudente”). O que fazemos ao assumir este duplo critério para exploração semântica do cubo argumentativo é apenas aprofundar/ampliar este duplo critério. Pois é este critério que estabelecerá relações razoáveis no interior do cubo.

Assim, nesta relação conversa entre planos, entendemos que a palavra favorável, de significado mais “positivo” no senso comum, seria a palavra que teria um valor “preferível” na sua gradualidade (as primeiras da fórmula: *audacioso, prudente, medroso e vigilante*). Ora, seria um pouco estranho entender como “preferível”, entre estes pares conversos acima, as palavras de significado desfavoráveis no senso comum (*imprudente, covarde, fóbico e não-medroso*), assim:

- (?) Se você pode ser **imprudente**, sem jamais ser **audacioso**.
- (?) Se você pode ser **covarde**, sem jamais ser **prudente**.
- (?) Se você pode ser **fóbico**, sem jamais ser **medroso**.
- (?) Se você pode estar **sem medo**, sem jamais ser **vigilante**.

Assim, o critério de interpretação do grupo de frases acima, que relaciona a face frontal-doxal e final-paradoxal do cubo, parece ser um critério doxal (a palavra de significado mais “positivo”, mais bem quisto no senso comum). Ao menos no nível frástico, parece ser assim, mesmo que contextualmente outros contornos sejam possíveis, óbvio. No mínimo, esta observação nos diz que, mesmo que se relacione as faces doxais-paradoxais, se a relação for de gradualidade (um ponto que vai até outro), deve-se estabelecer um critério de leitura para estes aspectos, e leitura comparativa, do tipo que, para descrever a semântica de uma frase ou enunciado, sopesse comparativamente suas expressões constitutivas pelo critério: qual é o termo mais favorável e qual é o termo menos favorável neste par de aspectos (ou mais aspectos) que dão unidade ao conteúdo semântico da frase ou enunciado? Ao menos se o propósito for flagrar a gradação entre termos, entre aspectos.

## 6. O paradoxo semântico: o quase-bloco de relação conversa entre doxal-paradoxal

Um outro ponto pode ser explorado no tesouro significante/significável do cubo argumentativo. Passemos a efetivar

uma segunda proposta de significação ainda pelo movimento converso entre os planos da face frontal-doxal/final-paradoxal do cubo argumentativo. Não mais uma gradualidade, mas um *paradoxo semântico*, tal como vimos na expressão morto-vivo, ilustrada na face doxal do cubo, mas agora enquanto resultado desta relação conversa entre-planos. Para isso, baseado na fórmula acima, de Carel, proporemos uma outra fórmula: *se você pode ser X mesmo sendo Y*. Esta fórmula, em português brasileiro, é comumente usada quando se quer destacar significações de qualidade (favoráveis) onde há significações de desqualidades (desfavoráveis), como em: “ele fala certas verdades, mesmo mentindo”, “ele ajuda os outros, mesmo sendo corrupto”; “ele tem um bom coração, mesmo sendo ladrão” etc. Em nosso cubo acima, teríamos:

Se você pode ser **audacioso**, *mesmo sendo imprudente*.

Se você pode ser **prudente**, *mesmo sendo covarde*.

(?) Se você pode ser **medroso**, *mesmo sendo fóbico*.

(?) Se você pode ser **vigilante**, *mesmo sendo alguém sem medo*.

Mesmo que os dois últimos pares signifiquem estranhamente nesta nova fórmula, os dois primeiros pares parecem comportar-se aceitavelmente na fórmula. Aliás, para melhor observar o problema dos dois últimos enunciados, bastaria, parece, proceder a uma troca dos termos por sinônimos que tornaria a frase mais razoável nesta relação termo favorável/desfavorável, sem alterar seus aspectos. Por exemplo, “Se você pode ser prudente demais mesmo sendo covarde demais”, valendo-se da averiguação ducrotiana (CAREL; DUCROT, 2005, p. 108)<sup>9</sup> de que uma relação transposta é explicável também pela consideração dos dois termos da paralela vertical do cubo, onde um deles é acrescido do modificador *demais*. Mas deixaremos estes enunciados problemáticos de lado, neste trabalho. O critério fulcral do semanticista é que o aspecto é mais importante que a palavra. E em análises estranhas, é o aspecto que deve ser levado em conta para a razoabilidade da análise, e não “impressões” de uma palavra (que seria um contexto, ou outro fenômeno. E que, obviamente, pode ser levado em conta secundariamente).

Ainda que no nível frástico seja comum prevalecer uma “preferência doxal” na relação entre os pares de palavras (por exemplo, preferência de *audacioso* entre *audacioso/ imprudente*), nossa nova fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y* produz um paradoxo semântico, e não uma gradação. Isto é, a nova fórmula ilustra a significação em soma em uma relação ortogonal conversa entre pares das faces doxais-paradoxais do cubo argumentativo. A aplicação da nova fórmula produz sentidos de inseparabilidade entre aspectos frontais-doxais e finais-paradoxais do mesmo cubo argumentativo. Esta nova fórmula inaugura uma nova relação na riqueza do cubo argumentativo: algo como um *quase-bloco converso entre as faces* doxal e paradoxal do mesmo cubo argumentativo, do tipo [A (DC) B], que pode ser representada assim:

|   |  |
|---|--|
| O paradoxo semântico a partir da interdependência conversa entre aspectos doxais-paradoxais do tipo [A (DC) B], de “perigo, desistir” |  |
| <b>Aspectos da face frontal-doxal</b>   | <b>Aspectos da face final-paradoxal</b>  |
| <i>imprudente</i><br>[PERIGO PT NEG-DESISTIR]<br>termo desfavorável, não preferível   | + <i>audacioso</i><br>[PERIGO DC NEG-DESISTIR]<br>termo favorável, preferível  |
| <i>prudente</i><br>[PERIGO DC DESISTIR]<br>termo favorável, preferível  | + <i>covarde</i><br>[PERIGO PT DESISTIR]<br>termo desfavorável, não preferível |

Quadro 2: A nova relação de paradoxo semântico do tipo [A (DC) B]: o *quase-bloco converso entre as faces* doxal-paradoxal do mesmo cubo argumentativo.

Uma questão interessante que surge é que não podemos mais tratar estas unificações por meio do quase-bloco doxal, já que o quase-bloco doxal é uma possibilidade apenas da face frontal-doxal (nos tipos quase-blocos transpostos e quase-blocos conversos, apresentados por Carel, e no tipo de quase-bloco recíproco, apresentado por nós). Não há ainda um quase-bloco que estabeleça relação entre as faces doxais/paradoxais (antes de nosso trabalho). Assim, o que proporemos, momentaneamente, é tratar desta nova relação de quase-bloco entre a face frontal-doxal/final-paradoxal, pela notação de parêntese “no” conectivo. Assim: [PERIGO (DC) NEG-DESISTIR],

onde, conforme o quadro acima, o (DC) significaria a dupla alternativa: [PERIGO (DC+PT) NEG-DESISTIR]. Teríamos então a representação das seguintes relações de paradoxo semântico deste cubo argumentativo de “perigo, desistir”:

imprudente + audacioso: [PERIGO (DC) NEG-DESISTIR];  
prudente + covarde: [PERIGO (DC) DESISTIR];

Tecnicamente, colocamos relevo no fato de que, a título de notação, o *quase-bloco doxal* é dado diferentemente destes acima: o quase-bloco doxal apresenta os parênteses “no aporte” ou “no suporte”, indicando a dupla possibilidade transposta, conversa e recíproca de dois aspectos. Por exemplo, caso do paradoxo semântico do “prudente-imprudente”, temos o quase-bloco doxal: [PERIGO (DESISTIR)], que significa [PERIGO DC DESISTIR + PERIGO PT NEG-DESISTIR], como vimos. Por outro lado, o *quase-bloco converso entre as faces* do cubo argumentativo é dado, acima, com os parênteses “no conectivo”, como em: [PERIGO (DC) DESISTIR], que significaria [PERIGO DC DESISTIR + PERIGO PT DESISTIR].

## 7. O cubo argumentativo no bloco “morto CONN vivo”

Como dito anteriormente, a exploração das relações semânticas no cubo argumentativo (e também só no quadrado argumentativo) não são meramente matemáticas, isto é, do âmbito do executável, mas são primeiramente do âmbito do significável. O que significa que certas relações não devem apenas “ser testadas por testar, porque o cubo é matematizável”, mas antes, devem “ser testadas porque estão significadas na língua ou no enunciado, porque o cubo é semântico e semanticizável”.

Por este critério, podemos afirmar que os oito aspectos de qualquer cubo argumentativo são afetados por positivities já inscritas na língua ou no enunciado, e que vão balizar as suas relações no cubo (que não são feitas aleatoriamente, mas são balizadas por significações na língua, ilustradas neste mesmo cubo). Por exemplo, no cubo de “prudente”, podemos flagrar palavras favoráveis e palavras desfavoráveis, nos seus respectivos lugares do cubo. São estas

significações preferíveis e não preferíveis que intermediam as relações do seu cubo.

Já em outro cubo argumentativo, por exemplo, o de “vida biológica”, tais relações ganharão outro contorno, porque explicitam outras preferências e não-preferências entre seus oito aspectos disponíveis. O que funciona no cubo de prudente, pode não funcionar em outro cubo (pelo critério de que a matemática subsume ao semântico, e não o contrário). Vejamos, então, o cubo argumentativo de vida biológica, e algumas relações possíveis reveladas por este cubo – para os quatro procedimentos seguintes, valer-nos-emos deste cubo:

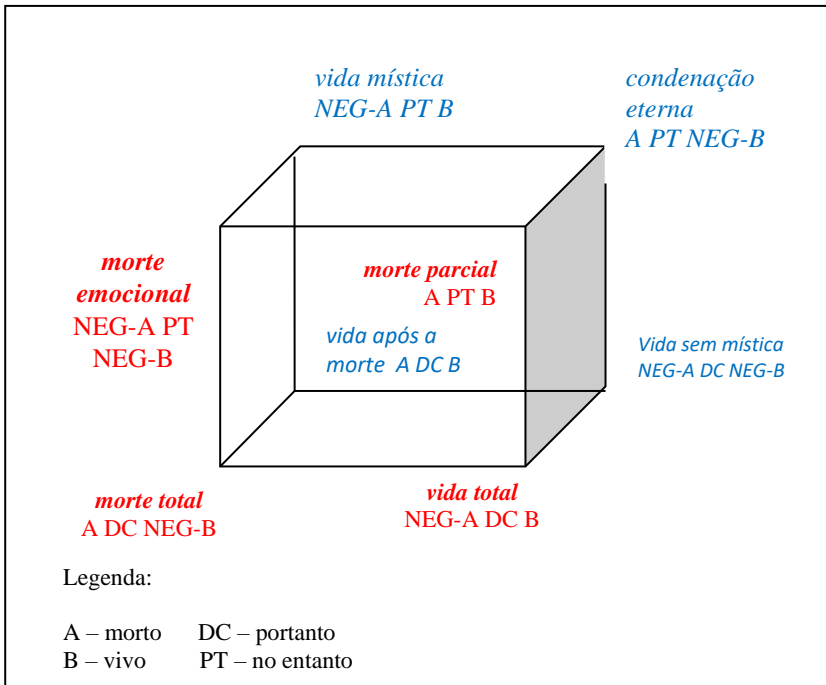


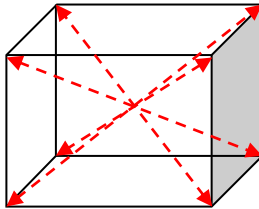
Imagem 5: O cubo argumentativo de [morto CONN vivo]

Deixando de lado as relações de face só doxal e só paradoxal (conversas, transpostas e recíprocas, apenas na face só frontal ou só na face final do cubo), debrucemo-nos agora sobre as novas relações



entre as faces doxal-paradoxal, que queremos explorar. Para isso, faremos um percurso de quatro procedimentos para vislumbrar, de modo laboratorial e inédito, um pouco da riqueza semântica deste cubo argumentativo.

## 7.1 Procedimento 1: relações conversas entre as faces doxal-paradoxal



### 7.1.1 Relações de prolongamento “por exclusão” entre conversos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X sem jamais ser Y*:

O que faremos abaixo – e nos outros três procedimentos que lhe seguem – é laboriar relações entre os vértices específicos escolhidos no desenho, de modo a apenas a vislumbrar espessuras significantes/significáveis dessas relações propostas, sem o cunho de aprofundamento e expansão analítica que gostaríamos, para não nos alongar. Vamos a elas.

Se você pode estar **totalmente morto** *sem jamais estar eternamente condenado*.

Significação de: santo, alma fiel, espírito iluminado, guerreiro honrado etc.

Se você pode estar **eternamente condenado** *sem jamais estar totalmente morto*.

Significação de: vida desonrada, mau exemplo, pecador etc.

Se você pode estar **totalmente vivo** *sem jamais ter uma vida mística*.

Significação de: agnóstico, ateu, vida mundana etc.

Se você pode ter **uma vida mística** *sem jamais estar totalmente vivo*.

Significação de: místico de má saúde, fiel fragilizado, religioso doente etc.

Se você pode ter uma **vida sem mística** *sem jamais estar emocionalmente morto*.

Significação de: ateu sociável, ONGs agnósticas, filantropo sem crenças etc.

Se você pode ser **indiferente/deprimido** *sem jamais ter uma vida sem mística*.

Significação de: religioso egoísta, crente introspecto, fiél fechado, religioso socialmente isolado etc.

Se você pode estar na **vida após a morte** *sem jamais estar em morte parcial*.

Significação de: espírito livre, o que descansou etc.

Se você pode estar em **morte parcial** *sem jamais estar na vida após a morte*.

Significação de: ainda vivo, acamado inconsciente etc.

Acima, na dinâmica semântica das relações instauradas por esta fórmula, é interessante destacar que este cubo argumentativo apresenta comportamento que podemos chamar de *relação de prolongamento em vice-versa*, isto é, ao contrário do outro cubo de prudente, em que a palavra favorável vem primeiro que a desfavorável (e o contrário não parece funcionar), neste cubo acima, é possível ilustrar significações iniciando a fórmula por qualquer uma das palavras do par converso (ou X, ou Y), independente de ser favorável ou não. Passemos à mesma movimentação conversa, entre os mesmos vértices, mas agora de modo inclusivo, mudando a fórmula.

### 7.1.2 Relações de prolongamento “por inclusão” entre conversos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y* – o quase-bloco do tipo [A (CONN) B]:

(a\*) Se você pode estar **totalmente morto** *mesmo estando eternamente condenado*.

Significação de: o que se aceita no inferno, condenado conformado, capeta etc.

(a\*) Se você pode estar **eternamente condenado** *mesmo estando totalmente morto*.

Significação de: o que se aceita no inferno, condenado conformado, capeta etc.

(b\*) Se você pode estar **totalmente vivo** *mesmo estando em uma vida mística*.

Significação de: fiel com saúde, religioso não-enclausurado etc.

(b\*) Se você pode ter **uma vida mística** *mesmo estando totalmente vivo*.

Significação de: fiel com saúde, religioso não-enclausurado etc.

(c\*) Se você pode ter uma **vida sem mística** *mesmo estando emocionalmente morto*.

Significação de: depressivo sem credo, ateu indiferente etc.

(c\*) Se você pode estar **emocionalmente morto** *mesmo estando em uma vida sem mística*.

Significação de: depressivo sem credo, ateu indiferente etc.

Se você pode estar na **vida após a morte** *mesmo estando em morte parcial*.

Significação de: EQM<sup>10</sup>, contato com o além etc.

Se você pode estar em **morte parcial** *mesmo estando na vida após a morte*.

Significação de: estado vegetativo visto por algumas religiões

As observações em (\*) marcam que tais frases parecem ilustrar, interessantemente, as mesmas significações. Suas diferenças serão de outras naturezas, que devem ser melhor aprofundadas, o que não faremos aqui, já que nosso objetivo é apenas iniciar este laboratório. Por exemplo, ler a fórmula aplicada (ser X mesmo sendo Y) de modo a valorizar mais o primeiro termo que o segundo, ou vice-versa, produzirá outras significações/sentidos. A leitura acima foi realizada na linha de considerar os dois elementos em igualdade de importância, em quase-blocos que os somem, sem preferências de X ou Y, ou dito ducrotianamente, sem considerar termos mais favoráveis que outros.

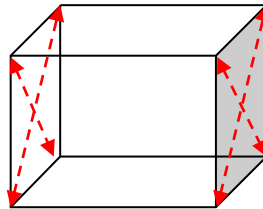
Vejam os quadros técnicos dos quase-blocos utilizados neste procedimento 1.2:

| <b>Relações que compõem o quase-bloco do tipo [A (CONN) B]:<br/>o quase-bloco converso entre as faces doxal-paradoxal</b> |                             |                             |
|---|-----------------------------|-----------------------------|
| <b>Face frontal-doxal</b>   | <b>Face final-paradoxal</b> | <b>Quase-bloco converso</b> |
| A DC NEG-B  | + A PT NEG-B                | = A (DC) NEG-B              |
| NEG-A DC B  | + NEG-A PT B                | = NEG-A (DC) B              |
| NEG-A PT NEG-B  | + NEG-A DC NEG-B            | = NEG-A (DC) NEG-B          |
| A PT B  | + A DC B                    | = A (DC) B                  |

Quadro 3: o *quase-bloco converso entre as faces doxal-paradoxal* [A (CONN) B]

Os próximos três procedimentos de estudo de relações doxal-paradoxal deste cubo não apresentam estudos publicados ainda<sup>11</sup>. Sua aplicação é inédita, e por isso, laboratorial, o que significa serem estes pontos introdutórios que exigem trabalhos futuros de aprofundamento, tal como se espera que a noção de cubo argumentativo promova. Vamos a elas.

## 7.2 Procedimento 2: relações transpostas entre as faces doxal-paradoxal



Para este procedimento, refletiremos significações das quatro relações transpostas existentes entre as faces doxais e paradoxais do cubo argumentativo. São elas: *morte total/vida mística*; *morte emocional/vida após a morte*; *vida total/condenação eterna*; *morte parcial/vida sem mística*, e vice-versa, em todos os casos. Fazendo eco às análises anteriores, dividiremos estes transpostos em observações exclusivas e inclusivas.

### 7.2.2 Relações de prolongamento “por exclusão” entre transpostos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X sem jamais ser Y*:

Se você pode estar **totalmente morto**, *sem jamais* ter uma **vida mística**.

Significação de: fim, tudo acabado, alma sem fé etc.

Se você pode ter uma **vida mística** *sem jamais* estar **totalmente morto**.

Significação de: o que tem fé na sua enfermidade, fiel no leito de morte etc.

Se você pode estar **emocionalmente morto**, *sem jamais* ter uma **vida após a morte**.

Significação de: aparentemente morto, expressão cadavérica, taciturno sadio etc

Se você pode ter uma **vida após a morte**, *sem jamais* estar **emocionalmente morto**.

Significação de: espectro sempre ativo, fantasma que faz visitas etc.

Se você pode estar **totalmente vivo**, *sem jamais* estar **eternamente condenado**.

Significação de: ativista religioso, membro ativo de ongs, indivíduo de boas ações etc.

Se você pode estar **eternamente condenado** *sem jamais* estar **totalmente vivo**.

Significação de: alma condenada, habitante do hades, agonizante no inferno etc.

Se você pode estar **parcialmente morto** *sem jamais* ter uma **vida sem mística**.

Significação de: o que tem fé na sua enfermidade, fiel aguardando a morte etc.

Se você pode ter uma **vida sem mística** *sem jamais* estar **parcialmente morto**.

Significação de: ateu em plena saúde, pecador sadio etc.

### 7.2.3 Relações de prolongamento “por inclusão” entre transpostos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y*: o quase bloco do tipo [(A) (CONN) (B)]:

(d\*) Se você pode estar **totalmente morto**, *mesmo tendo* uma **vida mística**.

Significação de: algo como um zombie que crê em divindades etc.

(d\*) Se você pode possuir uma **vida mística mesmo estando totalmente morto**.

Significação de: algo como um zombie que crê em divindades etc.

(e\*) Se você pode estar **emocionalmente morto, mesmo tendo uma vida após a morte**.

Significação de: psicopata sensitivo, médium depressivo etc.

(e\*) Se você pode ter uma **vida após a morte, mesmo estando morto emocionalmente**.

Significação de: psicopata sensitivo, médium depressivo etc.

(f\*) Se você pode estar **totalmente vivo, mesmo estando eternamente condenado**.

Significação de: herege saudável etc.

(f\*) Se você pode estar **eternamente condenado mesmo estando totalmente vivo**.

Significação de: herege saudável etc

(g\*) Se você pode estar **parcialmente morto mesmo tendo uma vida sem mística**.

Significação de: ateu no leito de morte etc, cético gravemente doente.

(g\*) Se você pode ter uma **vida sem mística mesmo estando parcialmente morto**.

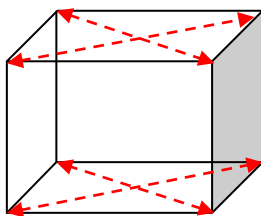
Significação de: ateu no leito de morte etc, cético gravemente doente.

Tecnicamente, esta fórmula inaugura um novo quase-bloco que funciona pela disposição [(A) (CONN) (B)], onde os parênteses “no suporte”, “no aporte” e “no conector” significam a indissociabilidade afirmativa e negativa destes elementos para ilustrar as significações desta combinação. Podemos pensar no seguinte quadro que mostra as relações que compõem este quase-bloco transposto entre faces:

| Relações que compõem o quase-bloco do tipo [(A) (CONN) (B)]:<br>o quase-bloco transposto entre as faces doxal-paradoxal |                      |                        |
|---|----------------------|------------------------|
| Face frontal-doxal  | Face final-paradoxal | Quase-bloco transposto |
| A DC NEG-B  | + NEG-A PT B         | = (NEG)-A (DC) (NEG)-B |
| NEG-A DC B  | + A PT NEG-B         | = (NEG)-A (DC) (NEG)-B |
| NEG-A PT NEG-B  | + A DC B             | = (NEG)-A (DC) (NEG)-B |
| A PT B  | + NEG-A DC NEG-B     | = (NEG)-A (DC) (NEG)-B |

Quadro 4: o quase-bloco transposto entre as faces doxal-paradoxal [(A) (CONN) (B)]

### 7.3 Procedimento 3: relações recíprocas entre as faces doxal-paradoxal



Para este procedimento, refletiremos significações das quatro relações recíprocas existentes entre as faces doxais e paradoxais do cubo argumentativo. São elas: *morte emocional/ condenação eterna; morte parcial/ vida mística; morte total/ vida sem mística; vida total/ vida após a morte*, e vice-versa, em todos os casos. Fazendo eco às análises anteriores, dividiremos estes recíprocos entre faces em análises inclusivas e excludentes.

#### 7.3.1 Relações de prolongamento “por exclusão” entre recíprocos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X sem jamais ser Y*:

Se você pode estar **emocionalmente morto** *sem jamais estar eternamente condenado*.

Significação de: infeliz paciente, melancólico justo etc.

Se você pode estar **eternamente condenado** *sem jamais estar emocionalmente morto*.

Significação de: tirano falecido, fascínora morto, o que morreu consciente de suas maldades etc.

Se você pode estar **parcialmente morto** *sem jamais ter uma vida mística*.

Significação de: ateu com morte cerebral etc.

Se você pode estar em **vida mística** *sem jamais estar parcialmente morto*.

Significação de: fiel consciente, religioso saudável etc.

Se você pode estar **totalmente morto** *sem jamais ter uma vida sem mística*.

Significação de: alma fiél que retornou dos mortos, aparições de santos etc.

Se você pode ter uma **vida sem mística** *sem jamais estar totalmente morto*.

(ss4<sup>12</sup>): Significação de: vida pagã, ateu vivo etc

Se você pode estar **totalmente vivo** *sem jamais estar em uma vida após a morte*.

Significação de: perspectivas da Biologia etc.

Se você pode estar em uma **vida após a morte** *sem jamais estar totalmente vivo*.

Significação de: santo, modelo místico etc.

### 7.3.2 *Relações de prolongamento “por inclusão” entre recíprocos das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula se você pode ser X mesmo sendo Y: o quase-bloco do tipo [(A) CONN B]:*

(\*h) Se você pode estar **emocionalmente morto** *mesmo estando eternamente condenado*.

Significação de: psicopata etc.

(\*h) Se você pode estar **eternamente condenado** *mesmo estando emocionalmente morto*.

Significação de: psicopata etc.

(\*i) Se você pode estar **parcialmente morto** *mesmo tendo uma vida mística*.

(ss1): Significação de: místico inconsciente, fiél ferido etc.

(\*i) Se você pode ter uma **vida mística** *mesmo estando parcialmente morto*.

Significação de: místico inconsciente, fiél ferido etc.



(Perceber a semelhança semântica entre estas significações e as mencionadas na próxima ceção, pela sigla ss1).

(\*j) Se você pode estar **totalmente morto** *mesmo tendo uma vida sem mística*.

Significação de: pagão que retornou dos mortos, aparições de almas agnósticas etc.

(\*j) Se você pode ter uma **vida sem mística** *mesmo estando totalmente morto*.

Significação de: pagão que retornou dos mortos, aparições de almas agnósticas etc.

(\*k) Se você pode estar **totalmente vivo** *mesmo tendo uma vida após a morte*.

Significação de: os arrebatados, personagens assuntos aos céus etc.

(\*k) Se você pode estar em uma **vida após a morte** *mesmo estando totalmente vivo*.

(ss2): Significação de: os arrebatados, personagens assuntos aos céus etc.

No que tange ao quase-bloco inédito desta relação, do tipo [(A) CONN B], podemos melhor precisá-lo no quadro abaixo:

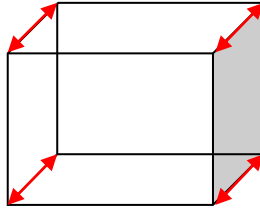
| Relações que compõem o quase-bloco do tipo [(A) CONN B]:<br>o quase-bloco recíproco entre as faces doxal-paradoxal |                      |                       |
|--|----------------------|-----------------------|
| Face frontal-doxal   | Face final-paradoxal | Quase-bloco recíproco |
| A DC NEG-B   | + NEG-A DC NEG-B     | = (NEG)-A DC NEG-B    |
| NEG-A DC B   | + A DC B             | = (NEG)-A DC B        |
| NEG-A PT NEG-B   | + A PT NEG-B         | = (NEG)-A PT NEG-B    |
| A PT B   | + NEG-A PT B         | = (NEG)-A PT B        |

Quadro 5: o quase-bloco recíproco entre as faces doxal-paradoxal [(A) CONN B]

Dando continuidade, além destas relações tradicionais: conversas, transpostas e recíprocas, aqui trabalhadas no ineditismo de suas realizações entre faces doxal-paradoxal, vamos propor ainda uma nova relação, agora possível devido à extensão do cubo: a relação “entre quinas” de todos os pontos do cubo, isto é, a relação entre os pares de vértices constituídos dos dois pontos de cada quina do cubo. O que faremos também pelas vias de inclusão e exclusão, sempre pela

aplicação das duas fórmulas em foco escolhidas estudar inicialmente este cubo.

#### 7.4 Procedimento 4: relações entre as quinas das faces doxal-paradoxal



##### 7.4.1 Relações de prolongamento “por exclusão” entre as quinas das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X sem jamais ser Y*:

Nesta relação, trabalharemos os pares das quinas do cubo de “morto CONN vivo”: *morte total/vida após a morte*; *vida total/vida sem mística*; *morte emocional/vida mística*; *morte parcial/condenação eterna*. Passemos à aplicação da fórmula.

Se você pode estar **totalmente morto** *sem jamais estar na vida após a morte*.

Significação de: cético falecido, agnóstico em óbito, morte biológica etc.

Se você pode estar na **vida após a morte** *sem jamais estar totalmente morto*.

(ss2): Significação de: os arrebatados, personagens assuntos aos céus etc.

Se você pode estar **totalmente vivo** *sem jamais ter uma vida sem mística*.

(ss3) Significação de: fiel saudável, religioso cheio de saúde etc.

Se você pode ter uma **vida sem mística** *sem jamais estar totalmente vivo*.

Significação de: cético de má saúde, incrédulo debilitado, herege doente etc

Se você pode estar **emocionalmente morto** *sem jamais estar* em uma **vida mística**.

Significação de: depressivo ateu, psicopata sem credo etc

Se você pode ter uma **vida mística** *sem jamais estar* **emocionalmente morto**.

(ss3) Significação de: fiel saudável, religioso cheio de saúde etc.

Se você pode estar **parcialmente morto** *sem jamais estar* **eternamente condenado**.

(ss1): Significação de: místico inconsciente, fiél ferido etc

Se você pode estar **eternamente condenado** *sem jamais estar* **parcialmente morto**.

Significação de: cético de boa saúde, herege saudável etc.

#### 7.4.2 Relações de prolongamento “por inclusão” entre as quinas das faces doxal-paradoxal, ilustradas pela fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y*: o quase bloco do tipo: [A CONN (NEG) B]:

Nesta relação, trabalharemos os mesmos pares de quina do cubo acima, agora em relação de soma. Valer-nos-emos da fórmula *X mesmo sendo Y*.

(\*1) Se você pode estar **totalmente morto** *mesmo estando* na **vida após a morte**.

Significação de: alma, fantasma, santo canonizado etc

(\*1) Se você pode estar na **vida após a morte** *mesmo estando* **totalmente morto**.

Significação de: alma, fantasma, santo canonizado etc.

(\*m) Se você pode estar **totalmente vivo** *mesmo tendo* uma **vida sem mística**.

(ss4) Significação de: vida pagã, ateu vivo etc.

(\*m) Se você pode ter uma **vida sem mística** *mesmo estando* **totalmente vivo**.

(ss4): Significação de: vida pagã, ateu vivo etc.

(\*n) Se você pode estar **emocionalmente morto** *mesmo tendo* uma **vida mística**.

Significação de: fiel enfermo, fiel deprimido etc.

(\*n) Se você pode ter uma **vida mística** *mesmo estando* **emocionalmente morto**.

Significação de: fiel enfermo, fiel deprimido etc.

(\*o) Se você pode estar **parcialmente morto** *mesmo estando* **eternamente condenado**.

Significação de: pecador no leito de morte, infiel nos momentos finais etc

(\*o) Se você pode estar **eternamente condenado** *mesmo estando* **parcialmente morto**.

Significação de: pecador no leito de morte, infiel nos momentos finais etc.

Já no que tange às aplicações estranhas (?), mesmo que tenham suas minúcias, quais sejam, as aplicações em interrogação (?) parecem não ser produtivas, porque mesmo que aplicáveis matematicamente, apresentam resultados estranhos semanticamente (ao menos estruturalmente, foco da investigação deste cubo). Dito especificamente, nestas aplicações estranhas (?), a maioria das significações ilustradas pela fórmula são redundantes, ou doxalmente impossíveis. E a aplicação desta fórmula nestes aspectos foi apenas estratégia para explicitar o fato de que algumas relações não são produtivas semanticamente na dinâmica ortogonal, mesmo que operáveis matematicamente.

Percebe-se que aqui o procedimento de vice-versa não apresenta alterações semânticas (ao menos não frasticamente, nível em que a análise do cubo argumentativo está se desenvolvendo).

É produtivo aqui, falar deste novo tipo de quase-bloco, acima observado. Propomos este tipo de quase bloco, de modo inédito, recentemente (MACHADO, 2015, p. 254). Tecnicamente, este quase-bloco funciona pela disposição [A *CONN* (NEG) B], onde os parênteses “na negação do aporte” significam a indissociabilidade entre a possibilidade afirmativa e negativa do aporte (B + neg-B). Como propomos (MACHADO, 2015, p. 256), podemos pensar nas seguintes relações que compõem o quase-bloco entre quinas:

| Relações que compõem o quase-bloco do tipo [A CONN (NEG) B]:<br>o quase-bloco entre quinas das faces doxal-paradoxal |   |                      |                             |
|--|---|----------------------|-----------------------------|
| Face frontal-doxal   |   | Face final-paradoxal | Quase-bloco entre as quinas |
| A DC NEG-B   | + | A DC B               | = A DC (NEG) B              |
| NEG-A DC B   | + | NEG-A DC NEG-B       | = NEG-A DC (NEG) B          |
| NEG-A PT NEG-B   | + | NEG-A PT B           | = NEG-A PT (NEG) B          |
| A PT B   | + | A PT NEG-B           | = A PT (NEG) B              |

Quadro 6: o quase-bloco entre quinas das faces doxal-paradoxal [A CONN (NEG) B]

## 8. A fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y*: aplicação e interpretação

Não é fácil, em Semântica, pensar uma fórmula como esta. Pelo simples fato da dificuldade em flagrar a relação entre dois elementos, que podem ser até contrários, como vimos acima. Mas uma teoria, se robusta e se madura, deve dar conta de apresentar um mínimo de organização técnico-analítica para a aplicação desta fórmula. É neste intuito, e no intuito de ao menos diminuir os “etc” colocados em cada aplicação, que arroazaremos uma apreciação desta fórmula, na posição de um semanticista.

Dentre vários modos de se ler a fórmula *se você pode ser X mesmo sendo Y* (como X afeta Y e Y afeta X), queremos reter duas observações: (I) na relação entre as duas palavras, há uma predominância, ou uma tendência de se interpretar uma apredominância, sobre o elemento que vem primeiro, na organização frástica. Por exemplo, nos paradoxos:

João é um bonito-feio – João é bonito mesmo sendo feio.

(onde a significação *bonita* parece sobrepor *feio*, mesmo que afetada por ela), e

João é um feio-bonito – João é feio mesmo sendo bonito.

(onde a significação *feio* parece sobrepor *bonito*, mesmo que afetada por ela);

e (II) tal fórmula parece revelar, ou tende a intuir a interpretação, de que uma entre as duas expressões é a mais favorável, do ponto de vista ducrotiano, e por isso ela parece ganhar mais força na significação da totalização do enunciado (não que anule a outra significação menos favorável). Isto é, dito pelo antigo, mas sempre atual modificador *um pouco*, temos algo como “um bonito um pouco feio”, no primeiro caso, e “um feio um pouco bonito”, no segundo caso. Já que na relação semântica entre bonito/feio, *bonito* é favorável e preferível a *feio*. A argumentação – não a única, mas a mais básica – seria que “Y está em X, e X só significa se afetado por Y”. Nesta linha, recomendamos a leitura dos novos estudos sobre o *mas*<sup>13</sup>, onde Carel averigua, contrariamente aos primeiros estudos de Ducrot, que em relações deste tipo, realizadas pelo articulador *mas* – João é (X) bonito, mas é (Y) feio, por exemplo, não há exclusão de X, mas uma estranha significação interdependente entre X e Y.

Tanto as observações (I) sobre a força do primeiro termo empregado, e (II) sobre a força do termo favorável, na fórmula *ser X mesmo sendo Y*, parecem averiguar que, em semântica, “a ordem altera o produto”, e “a soma dos fatores pode não corresponder ao produto”, isto é, a relação semântica entre as ordens A e B, ou B e A parecem significar diferentemente, como vimos acima, e dito tecnicamente, as somas de quase-blocos de tipo, por exemplo, [A (DC) B] podem flagrar distintas significações se consideradas como [B (DC) A].

## 9. A isometria semântica: a relação entre pressuposição e cubo argumentativo

Enquanto projeção futura, por exemplo, podemos vislumbrar a possibilidade de se trabalhar o fenômeno da pressuposição no cubo argumentativo, o que faremos inicialmente pelo movimento transposto. Rememoremos Ducrot<sup>14</sup>: já que o transposto é uma intensificação, o ponto alto pressupõe o ponto baixo, como uma escala (ora, a relação transposta é, de alguma forma, uma escala entre intensidades semânticas, como *medroso* (prudente demais) pressupõe *prudente*, e como *imprudente* (não-medroso demais) pressupõe ser *não-medroso*). Nesta esteira, *fóbico* (covarde demais) pressupõe *covarde*, e *audacioso* (vigilante demais) pressupõe *vigilante*. Se

qualquer relação no cubo é entre dois pontos, a pressuposição acrescentaria um terceiro ponto. Daí, ao estudar a pressuposição no cubo, não estaríamos falando de “retas” neste cubo, mas de “triângulos semânticos”, no mínimo. No que tange à ilustração da pressuposição no cubo, retomemos o modelo já visto: “Se você pode ser **medroso**, sem jamais ser **fóbico**”. Ao se considerar a pressuposição de medroso nestes dois vértices, desenha-se o triângulo:

Se você pode ser **medroso**, [(P) *porque primeiro é prudente*], e sem jamais ser **fóbico**<sup>15</sup>.

Que no cubo de “perigo *CONN* desistir”, apresentará o seguinte desenho triangular:

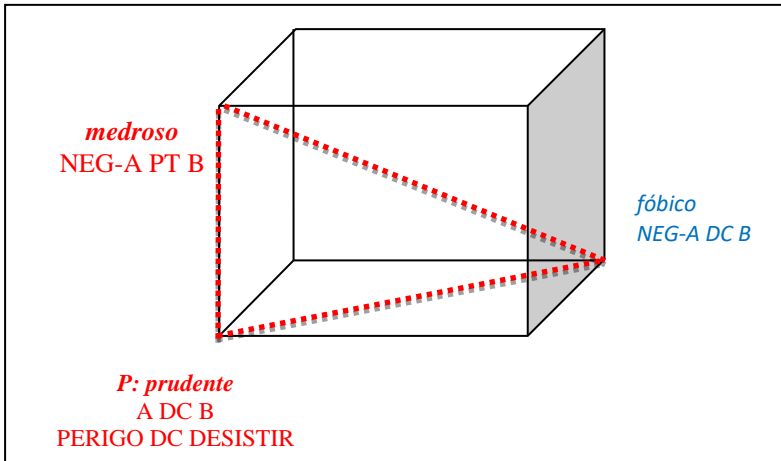


Imagem 6: a isometria semântica no cubo de [perigo *CONN* desistir]

Podemos dar agora uma definição técnica para o triângulo semântico, em Semântica Argumentativa: *um triângulo semântico é a observação de dois aspectos em relação, como classicamente prevê a TBS, em recíprocos, conversos, transpostos e entre quinas, somados a um vértice de pressuposição, dentro do mesmo cubo.*

Tecnicamente, estamos dizendo que trabalhar qualquer relação conversa e/ou recíproca no cubo, pode prever uma relação transposta que lhe atravesse, isto é, nossa tese é que *toda relação em retas no*

*cubo pressupõe um vértice anterior de pressuposição*<sup>16</sup> (isto ainda é uma tese que carece de uma dezena de testes laboratoriais). Se comprovada, assim, não haverá apenas retas dentro do cubo, como analisamos acima, mas isso significa traçar outras figuras dentro do cubo argumentativo, que será, no mínimo, um triângulo (uma reta + um ponto pressuposicional, que desenha um triângulo semântico). Em termos mais apropriados à geometria semântica, estudar a pressuposição no cubo argumentativo significa inaugurar / desenvolver / aprofundar estudos de *isometria semântica*<sup>17</sup>.

Ainda um passo de aprofundamento em triângulos no interior do cubo. Parece que o vértice pressuposicional que desenha o triângulo no cubo, quando interfere em uma reta, não se comporta apenas em transpostos. Podemos observar um vértice de pressuposição diferente, na linha dos recíprocos, por exemplo, no cubo alvo de “morto CONN vivo”, onde a morte pressupõe a vida, anteriormente. Retomemos o primeiro exemplo do procedimento um: “Se você pode estar **totalmente morto** *sem jamais estar eternamente condenado*”. A significação em reta (dois vértices) que ilustra no mínimo algo como uma “alma fiel”, unidade semântica desta frase/enunciado, pressupõe a vida (mais um outro vértice), já que estar *totalmente morto* pressupõe *ter estado vivo*. Assim, soma-se à relação conversa entre faces doxal-paradoxal desta frase/enunciado, o vértice de *vivo*, desenhando no cubo um triângulo semântico:

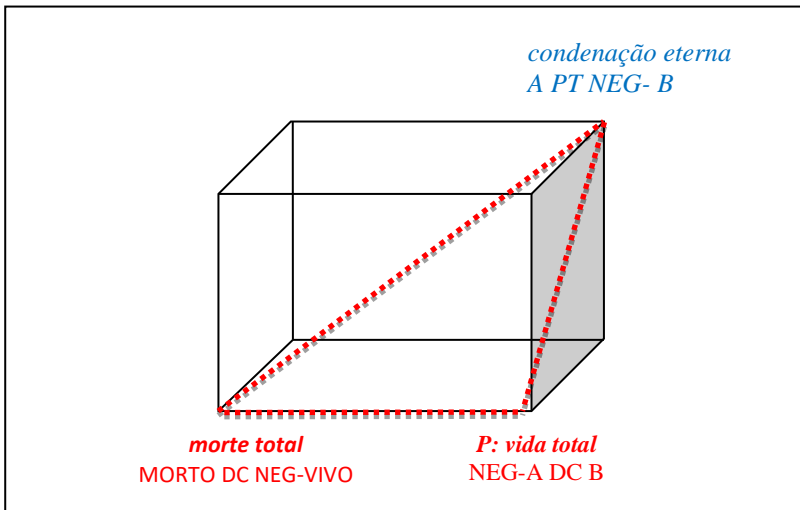




Imagem 7: Exemplo de isometria semântica de uma pressuposição no cubo de [morto CONN vivo]

Cuja engendração frasal/enunciativa pode ser:

Se você pode estar **totalmente morto**, [(P) *porque antes estava vivo*], *sem jamais estar condenado eternamente*.

Aprofundemos timidamente ainda um terceiro passo na isometria semântica, parcamente trabalhada aqui. Além da inserção pressuposicional por vias transpostas e recíprocas, como vimos, podemos ainda pensar na inserção de uma dupla pressuposição em uma reta do cubo. Isto é, respeitando os estudos ducrotianos de que a pressuposição é um fenômeno insistente e inegável na linguagem, se um dos vértices da reta apresenta pressuposição, por que o outro ponto da reta também não poderia apresentar também a sua pressuposição? Teríamos dois vértices com duas pressuposições, totalizando quatro pontos. Geometricamente, uma relação de uma reta com duas pressuposições desenhará um quadrado semântico dentro do cubo argumentativo. Retomemos o exemplo: *estar morto*, que pressupõe *ter estado vivo*, liga-se a *não estar condenado eternamente*, que pressupõe *ter tido vida ou momentos de vida mística*. Já que, ao negar a *condenação eterna*, afirma-se sua conversa, a *vida após a morte*, de alguma forma, cujo pressuposto transposto é a *vida mística* do cubo, que lhe proporcionou certa vida após a morte.

Pormenorizando esta averiguação acima, é bom marcar que dizer “não estar condenado à morte” é afirmar seu converso “estou na vida após a morte”. Conforme a regra básica dos conversos, de negar sua diagonal, da mesma forma que afirmar “não sou imprudente” é afirmar seu converso “sou prudente” (obviamente, fora de contextos, fora de uso). Pois uma das formas de se descrever algo/alguém, é negar seu oposto, como “Maria não é feia” para descrever “Maria é bonita” ou “A comida não é ruim” para descrever “a comida é boa”, estratégias próprias da língua francesa. Como vimos, esta relação conversa é a atualização da noção de negação polêmica de Ducrot (1987, p. 204). Assim, Para refinar a análise acima, é bom marcar que “não estar em condenação eterna” é um conteúdo que *põe*, e não

pressupõe “estar na vida após a morte”. Ou seja, dizer “não estou condenado” é um modo de por, de dizer “estou em algum lugar após a morte” (que não é o lugar da condenação). Trata-se de um conteúdo posto, e não pressuposto. E posto por negação. Podemos explicar esta estratégia enunciativa – de *por* através da *exclusão* – de modo polifônico: por exemplo, se um locutor do além aparece e enuncia: “Não estou condenado!” (em um lugar de punição, inferno, Hades etc), está *excluindo* “condenação eterna”, está *pondo*: “estou em algum lugar na vida após a morte” (melhor que a condenação, como céu, Valhala purgatório etc), e está *concordando*: “isso porque tive uma vida mística total/parcial, que me deu este direito de não estar condenado” (para aprofundamentos da polifonia, retomar noções de: por, concordar e excluir). O *concordar* é um modo de trabalhar o fenômeno da pressuposição na Teoria Argumentativa da Polifonia, um dos braços enunciativos da TBS.

Pensando a pressuposição a partir da frase/enunciado dada(o), e no feitio deste cubo, com seus oito aspectos, se não se está condenado – se não é digno do inferno, Hades, danação etc, é porque experienciou pressupostamente uma vida ou momentos de vida virtuosa. Conforme os semantismos que fundam este cubo, se não se está condenado, é porque, pressupostamente, viveu-se de modo digno, ou em momentos de dignidade, ou nesta linha colaborativa (vida mística). Estas quatro espessuras semânticas [morte + (P<sup>1</sup>) vida + neg-condenação eterna + (P<sup>2</sup>) vida mística] ilustram, no conjunto, certo indivíduo (= alma fiel ou etc) que teve oportunidades em vida, deve ter aproveitado com sabedoria tais oportunidades em vida (na linha de vida mística), não ter alcançado glória gratuitamente etc. E se não aproveitou dignamente sua vida (na linha de vida sem mística), o fez de algum modo salutar ou perspicaz no final da vida para barganhar a vida após a morte, sem condenação. Tal como, por exemplo, o exemplo bíblico-paradoxal do “bom ladrão”: crível de vida não-mística e intuindo significações de condenação nos momentos finais, enunciou-se místico e ressignificou-se em conversão. Dentre outras leituras.

Ilustrativamente, ao considerar as duas pressuposições nos dois vértices de “morte total” e “não condenação eterna”, desenha-se o quadrado:

Se você pode estar **totalmente morto**, [(P<sup>1</sup>) *porque antes estava vivo*], *sem jamais estar condenado eternamente*, [(P<sup>2</sup>) *porque antes viveu /teve momentos místicos*].

Que no cubo de “perigo CONN desistir”, apresentará o seguinte desenho quadrilátero:

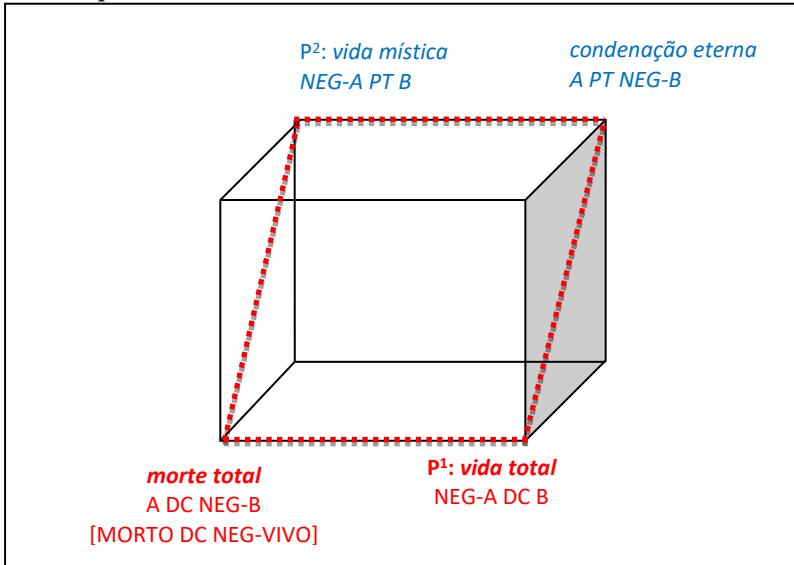


Imagem: 8: exemplo de isometria semântica de duas pressuposições no cubo de [morto CONN vivo]

Podemos dar agora uma definição técnica para o quadrado semântico (que não se confunde com o clássico quadrado argumentativo), em Semântica Argumentativa: *um quadrado semântico é a observação, dentro do mesmo cubo, de dois aspectos em relação, como classicamente prevê a TBS, em recíprocos, conversos, transpostos e entre quinas, somados a dois vértices de pressuposição, um para cada.*

Enfim, dados os exemplos, afirmamos que nossa tese inicial – que não aprofundaremos nem desenvolveremos aqui – rege que sempre haverá um vértice pressuposto, pelo menos, em cada relação entre dois vértices do cubo, não importa a relação. Uma isometria semântica, aqui vista introdutoriamente pelo triângulo semântico e pelo quadrado

semântico, é a (insistente) consideração da pressuposição em uma relação de reta do cubo, seja qual for. Tecnicamente, toda relação recíproca, conversa, entre quinas e transposta, entre as faces do cubo, será atravessada/particularizada por um dos oito vértices do mesmo cubo em questão, que fará o papel da pressuposição. No exemplo acima, vimos relações entre faces doxal-paradoxal com suas pressuposições, que fazem ver não mais movimentos apenas de retas no cubo, mas em figuras dentro do cubo. E estamos afirmando categoricamente que toda relação entre dois aspectos prevê uma pressuposição no mínimo, dentro do próprio cubo. Assim, a significação/sentido é uma movimentação classicamente entre arestas (dois vértices), que será “incomodada”, afetada, particularizada, completada, melhor descrita por uma anterioridade argumentativa (mais um outro vértice): a pressuposição. Eis a isometria semântica, ainda por se desenvolver.

## 10. Conclusão

De modo mais geral, queremos dizer que, longe de esgotar a riqueza infinda das relações do cubo argumentativo, e especificamente deste cubo acima, os procedimentos acima visaram apenas explorar relações por inclusão e por exclusão, em arestas que ilustram recíprocos, transpostos, conversos e de quinas, entre faces doxal-frontal e paradoxal-final deste cubo, ainda inéditas até então. O leitor atento perceberá que não se pode esgotar as relações entre faces por algumas nomeações. O que se passou foi apenas um rápido vislumbramento. Muito há por se fazer, e esta manobra é apenas timidamente inicial. Inclusive, as relações aqui desbravadas com ressabiamento, precisam ser melhor pensadas. O que é próprio de um trabalho introdutório, que mais desconhece do que conhece. O cubo é um objeto para muitas pesquisas de agora em diante.

De modo mais particular, observou-se que, neste cubo de “morto CONN vivo”, não foi produtivo assumir o critério supra-mencionado (quando da análise do cubo de prudente) de que as primeiras palavras da fórmula são sempre favoráveis, preferíveis às segundas. Este procedimento foi produtivo para explorar argumentativamente o cubo de prudente. Do contrário, o cubo acima da vida e da morte, se

comporta por relações significantes / significáveis em vice-versa. Como se viu.

No que tange à contribuição de nosso trabalho para a evolução teórica da TBS, marcamos o aprofundamento da noção de quase-bloco, mediante nossas análises. Ao todo, trabalhamos sete tipos de quase-blocos, noção novata que exige refinamento. Resumamos: como vimos, o quase-bloco é uma exitação entre dois blocos, uma alternativa entre dois aspectos (CAREL; DUCROT, 2014). São marcados pelos parênteses, que significam a soma entre características de dois aspectos (DC + PT e afirmação + negação), seu entremeio. Carel e Ducrot (2014b) o tem sugerido atualmente no seu grupo, apenas no modo *quase-bloco doxal*, em dois tipos:

- i. o quase-bloco doxal converso [A *CONN* (B)], com os parênteses “no suporte”; e
- ii. o quase-bloco doxal transposto: [(A) *CONN* B], com o parênteses “no aporte”.

Já nós, aqui, propomos também a hipótese de um terceiro tipo de quase-bloco doxal:

- iii. o quase-bloco doxal recíproco [(A) *CONN* (B)], com negação-afirmação “no suporte e no aporte”, para dar conta da expressão morto-vivo.

Além dele, contribuimos ainda com a proposta da hipótese de outros três quase-blocos, agora no modo *quase-bloco entre faces doxal-paradoxal*. Foram eles:

- iv. do tipo [(A) (*CONN*) (B)]: o quase-bloco transposto entre as faces doxal-paradoxal;
- v. do tipo [(A) *CONN* B]: o quase-bloco recíproco entre as faces doxal-paradoxal;
- vi. do tipo [A *CONN* (NEG) B]: o quase-bloco entre quinas das faces doxal-paradoxal;

Na esteira do primeiro deles, proposto por Carel e Ducrot, como vimos:

- vii. do tipo [A (CONN) B]: o quase-bloco converso entre as faces doxal-paradoxal.

Outras tantas relações poderiam ser aqui exploradas. Obviamente, não é nosso propósito nesta pesquisa esmiuçar essa sugestão teórica do cubo argumentativo, aqui concebida como simples caráter experimental: ficará por se explorar as muitas riquezas de relações, dentre elas as relações de plano: face frontal/final; frontal/lateral esquerda; frontal/lateral direita; lateral esquerda/final; lateral direita/final; superior/inferior; superior/lateral esquerda; superior/lateral direita; inferior/lateral esquerda; inferior/lateral direita; inferior/frontal; pelo menos. Já que o espaço e nosso objetivo não nos permitem. Por ora, ficamos satisfeitos por ter podido marcar aqui a pertinência de poucos procedimentos na nova noção de cubo argumentativo, nosso alvo, entre aspectos das faces frontais-doxais e finais-paradoxais do cubo.

### Referências bibliográficas

- CAREL, M. (2011a). *L'entrelacement argumentatif*: lexique, discours et blocs sémantiques. Paris : Honoré Champion.
- \_\_\_\_\_ (2011b). A polifonia linguística. Tradução de Leci Borges Barbisan. In: *Letras de Hoje*. V.46, No. 1. Porto Alegre: PUC, p. 27-36.
- \_\_\_\_\_ (2012) Introduction. In : CAREL, Marion. *Argumentation et Polyphonie* : de Saint-Augustin à Robet-Grillet. Paris : Harmattan.
- \_\_\_\_\_ (2013). *Tu seras un homme, mon fils*. Un prologement de la doxa : le paradoxe. Inédito.
- \_\_\_\_\_ (2014a). *Argumentation et temporalité*: l'exemple de *quand*. Inédito. Paris : Inalco.
- CAREL, M. ; DUCROT, O. (1999a). Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. In : *Langue Française*. V. 123. Paris : Persée, p. 6-26.
- \_\_\_\_\_ (1999b). Les propriétés linguistiques du paradoxe : paradoxe et négation. In : *Langue Française*. V. 123. Paris : Persee, p. 27-40.
- \_\_\_\_\_ (2005). *La semántica argumentativa*: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue.

\_\_\_\_\_ (2008). Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. Tradução de Leci Borges Barbisan. In: *Letras de Hoje*. V. 43, n. 1. Porto Alegre : PUC, p. 7-18.

\_\_\_\_\_ (2014a). *Temporalité, Argumentation et Récit*: la théorie des blocs sémantiques. Inédito. Paris : École des Hautes Études en Sciences Sociales.

\_\_\_\_\_ (2014b). Pour une analyse argumentative globale du sens. In : *Arena Romanistica*. Bergen: University of Bergen. V. 1, p. 72 – 89.

\_\_\_\_\_ (2016). *Langage poétique et Discours engagé*. Cours à École des Hautes Études – Paris, France. Inédito.

CAREL, M.; MACHADO, J. C. (2015). *Debate sobre a Teoria dos Blocos Semânticos e a Semântica do Acontecimento*. Inédito.

DUCROT, O. (1972). *Dire et ne pas dire*. Principes de sémantique linguistique. Paris: Hermann.

\_\_\_\_\_ (1973). *La preuve et le dire*: langage et logique. Paris : Maison Mame.

\_\_\_\_\_ (1977). Prefácio. In: VOGT, Carlos. *O intervalo Semântico*. Campinas: Unicamp, p. 9 – 19.

\_\_\_\_\_ (1984). *Le dire et le dit*. Paris : Les Editions de Minuit.

\_\_\_\_\_ (1987). *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_ (1989a). *Logique, Structure, énonciation*. Paris : Les Éditions de minuit.

\_\_\_\_\_ (1990). *Polifonia y Argumentación*: Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle.

\_\_\_\_\_ (2002). Os intenalizadores. In: *Letras de hoje*. v. 37. Porto Alegre: PUCRS, p. 7 – 26.

\_\_\_\_\_ (2013). *Les risques du discours*: Rencontres avec Oswald Ducrot. Paris : Éditions Lambert-Lucas.

MACHADO, J. C. (2015). *O paradoxo a partir da Teoria dos Blocos semânticos*: língua, dicionário e história. 373f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar, São Carlos-SP.

\_\_\_\_\_ (2017). *A Teoria dos Blocos Semânticos e as significações de entremeio*: um estudo sobre os quase-blocos. In: Revista Desenredo, no prelo.

**Palavras-chave:** paradoxo, Semântica Argumentativa, cubo argumentativo.

**Keywords:** paradox, Argumentative Semantics, cube argumentative.

Quero explicitar aqui profunda gratidão às minhas entidades financiadoras:

**CAPES – Processos: PDSE 5637/13-9; UAB 8898340001-08;  
FAPEMIG – Processos: PEP 00240-16; OET 00514-16;  
SRE-MG, FESP e PAEx-UEMG.**

Externo reconhecimento pelo financiamento de minha estada na França para frequentar reuniões, aulas, apresentações, grupos de pesquisa e seminários em Paris, sobretudo os de Oswald Ducrot e Marion Carel. Sem este financiamento não seria possível mobilizar o acervo da TBS em dois países para efetivar esta pesquisa. Obrigado!

## Notas

<sup>1</sup> É importante acentuar aqui, para os semanticistas não afeiçoados aos trabalhos de Ducrot, uma terminologia basal: Ducrot, ao tratar da semântica de língua/frase, usa sempre o termo *signification* (cuja tradução recomendada é “significação”) e, para se referir à semântica do enunciado/discurso, usa *sens* (cuja tradução recomendada é “sentido”). Assim, sentido é o termo apropriado para análises da língua em funcionamento, e significação é o termo apropriado para análises da língua fora de funcionamento. Este artigo é, portanto, uma pesquisa sobre a significação.

<sup>2</sup> Do original : « Je rends compte de cela en disant que le sens de *Pierre a été prudent* est double. D’une part, l’énoncé *exprime l’aspect argumentatif DANGER DC PRECAUTION* et d’autre part il *évoque l’enchaînement <c’était dangereux donc Pierre a pris des précautions >* [...] L’enchaînement évoqué fait de l’énoncé une formulation concrète de l’aspect exprimé [...] L’aspect exprimé constituera dorenavant le <propos> de l’énoncé en cela seulement qu’il est partagé et



l'enchaînement évoqué remplacera le recours à des objets en cela qu'il représentera ce que l'énoncé étudié a de propre ».

<sup>3</sup> Do original: « Ce sont ces deux valeurs qui refléteront le caractère à la fois commun et singulier de *Pierre a été prudent*, qui reflèteront le fait que cet énoncé la fois partage avec *Jean sera prudent* un Universel et aussi se distingue de lui par quelques singularités. L'aspect (DANGER PT PRECAUTION) constituera ce qu'ils partagent ».

<sup>4</sup> Para um aprofundamento e melhor compreensão de noções como bloco semântico, aspecto argumentativo, quadrado argumentativo e demais nomenclatura técnica das relações argumentativas, é sugerido que o leitor faça leituras de outros artigos sobre a Teoria dos Blocos Semânticos, cujo escopo teórico básico não é nosso alvo neste trabalho.

<sup>5</sup> CONN – conector. Que pode ser DC (portanto) ou PT (no entanto).

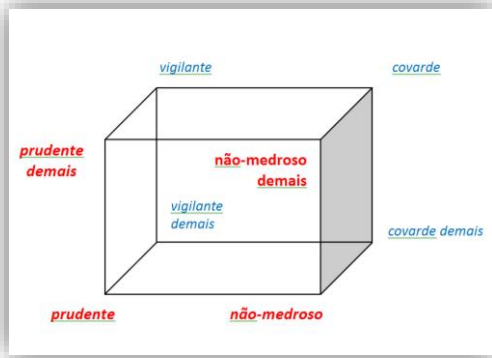
<sup>6</sup> Queremos registrar aqui nossa gratidão à fundadora da TBS, Marion Carel, por nos escutar, discutir, debater e opinar pessoalmente conosco sobre esta hipótese do cubo argumentativo e os novos quase-blocos que propomos.

<sup>7</sup> Inicialmente proposta por Carel (1992), pelo quadrado argumentativo.

<sup>8</sup> O *quase-bloco* é uma noção teórica recente de Carel e Ducrot (2014b; 2016), onde se propõe “uma alternativa entre dois aspectos”. Seria interessante que o meu leitor lesse, para aprofundar o conhecimento dos quase-blocos, o meu artigo (MACHADO, 2017) intitulado: *A Teoria dos Blocos Semânticos e as significações de entremeio: um estudo sobre os quase-blocos*, a ser publicado pela Revista Desenredo; bem como meu debate com a Dra. Marion Carel (CAREL; MACHADO, 2015, p. 5). Neste último, a linguista definiu-me, em suma, a ideia do quase-bloco, que reproduzo abaixo:

Retomemos o eterno exemplo de ‘prudente’: sua argumentação interna continha PERIGO DC PRECAUÇÃO, e sua argumentação externa continha os dois aspectos conversos PRUDENTE DC SEGURANÇA e PRUDENTE PT NEG-SEGURANÇA. Nós mantemos a hipótese cuja significação de ‘prudente’ contém o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO. Ao contrário, nós dizemos agora que ele não contém nenhum dos dois aspectos PRUDENTE DC SEGURANÇA e PRUDENTE PT NEG-SEGURANÇA. O que ele comporta, é a **alternativa** destes dois aspectos, e não estes dois aspectos.

<sup>9</sup> Esta afirmação ducrotiana nos permite, inclusive, re-pensar cubos argumentativos pela presença do modificador *demais*, como por exemplo:



<sup>10</sup> EQM – sigla de “Experiência de quase morte” (do francês *expérience de mort imminente*), utilizada para referir-se a experiências relativas à vivência de processos de morte, como coma ou parada cardíaca, nos quais o paciente chega a óbito, mas “volta à vida”.

<sup>11</sup> Já existe, em todo caso, estudos inéditos que devem ser publicados em breve, sobre esta problemática de oito aspectos, como Carel (2016). Em todo caso, estes estudos vão numa direção teórica diferente da aqui apresentada: Carel propõe, inicialmente, três quadrados argumentativos em relação. Nós, um cubo. Contudo, não é o formato geométrico que dita a coerência teórica, mas as relações e movimentos analíticos possíveis desta e nesta figura. Neste ponto, procuramos ter plena consonância com trabalhos teóricos de Carel e Ducrot.

<sup>12</sup> ss – Significa: semelhança semântica.

<sup>13</sup> “*Etude de la Conjonction mais*” (CAREL, 2011a, p. 397 – 453).

<sup>14</sup> Como vimos em Carel e Ducrot, 2005, p. 108.

<sup>15</sup> P, nesta seção, significa “pressuposição”.

<sup>16</sup> É bom frizar que falamos, *a priori*, da pressuposição argumentativa, e não da pressuposição co-significada, que poderemos experienciar futuramente no cubo. Estes dois tipos de pressuposição, atualidade da Semântica Argumentativa, não foram trabalhados aqui, e recomenda-se sua leitura no original francês.

<sup>17</sup> Na falta de um termo melhor, talvez, optamos por valer-se do termo *isometria*, da Geometria, que, para nós, significa a possibilidade de elaborar outras figuras geométricas dentro de uma figura já dada. Especificamente, no caso, analisar por vias da isometria semântica na Semântica Argumentativa significa a possibilidade de relacionar outras figuras semânticas (secundárias), como a pressuposição, no interior do esboço (primário) do cubo argumentativo.